



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ROBERTA MARIA DA NÓBREGA

EQUIPES DE JOVENS DE NOSSA SENHORA (EJNS) E O LUGAR DA FAMÍLIA

JOÃO PESSOA
2017

ROBERTA MARIA DA NÓBREGA

EQUIPES DE JOVENS DE NOSSA SENHORA (EJNS) E O LUGAR DA FAMÍLIA

Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Marcela Zamboni Lucena.

JOÃO PESSOA
2017

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal da Paraíba.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Nóbrega, Roberta Maria de.

Equipe de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) e o lugar da família. /
Roberta Maria de Nóbrega.- João Pessoa, 2017.

52 f.: il.

Monografia (Graduação em Ciências sociais) – Universidade Federal
da Paraíba - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marcela Zamboni Lucena

1. Equipe de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) . 2. Família. 3.
Individualização. 4. Religião 5. Violência familiar. I. Título.

BSE-CCHLA

CDU 316.62- 053.6

ROBERTA MARIA DA NÓBREGA

EQUIPES DE JOVENS DE NOSSA SENHORA (EJNS) E O LUGAR DA FAMÍLIA

Monografia apresentada à Universidade Federal da Paraíba – UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Marcela Zamboni Lucena.

Aprovado em ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a Marcela Zamboni Lucena (Orientadora/DCS/UFPB)

Prof.^a. Dr.^a. Simone Magalhães Brito (Examinadora/DCS/UFPB)

Prof.^a. Ms.Helma Janielle Souza de Oliveira (Examinadora)

JOÃO PESSOA
2017

AGRADECIMENTOS

A Deus, razão do meu viver. Agradecer por todas as providências, livramentos e milagres diários em minha vida, pois tudo isso só foi possível porque Ele proveu. Só Ele sabe o que passei, todos os desafios que enfrentei, superando a mim mesma. Foram desafios de resistência e sobrevivência mesmo, mas em todos esses momentos o que me sustentava, o que me amparava era a certeza de que Ele estava comigo e que jamais me abandonaria. Por mais que tudo estivesse desabando, como aconteceu em vários momentos, e por mais que eu estivesse passando por Seu silêncio, mesmo assim, eu tinha a certeza dentro de mim que Ele estava comigo e que o Senhor me amparava e me provia o necessário. Por isso tudo, Te rendo glórias, Senhor. Essa conclusão só está sendo possível porque o Senhor me proveu, com seus anjos e “Cirineus”, enviados para me ajudar a carregar as cruzes.

À minha mãe, pelo seu amor e por todos os ensinamentos transmitidos não só por palavras, mas, acima de tudo, pelo exemplo de mulher guerreira, forte, invencível. Uma mulher de fé. Obrigada pelas orações e por tudo.

Ao meu amigo Pe. João Saturnino de Oliveira, por me incentivar a olhar para mim mesma e buscar a minha autonomia, a minha independência, o amor próprio, o meu melhor e nunca desistir. Por todos os conselhos e apoio que não foram poucos, me fazendo sempre ter esperança de que tudo ia dar certo, me redescobrimo. Agradeço de coração por tudo, tudo mesmo. Obrigada por ter sido um anjo de Deus em minha vida e ter me apoiado a concretizar o maior sonho da minha vida, que é me formar.

À minha Professora Marcela Zamboni, pela orientação e paciência que teve durante todo esse processo de orientação. Quero agradecer, por ter me falado, no primeiro período, quando cursei uma disciplina com você, para não desistir quando zerei a sua prova e fui reprovada. Guardei isso por todo o curso. Obrigada pela dedicação, sutileza, educação, paciência, serenidade que teve ao me orientar. Professora, obrigada de coração.

Aos Programas do PIBIC e PIBID, junto com os coordenadores e bolsistas, por todo o aprendizado, pelas trocas de experiências e de conhecimentos que contribuíram para o meu aprendizado. Foram ricas experiências que passamos juntos. Agradeço também porque, através dos programas, recebi a ajuda financeira que a bolsa proporciona, a qual me ajudou a não trabalhar em empresas privadas durante a graduação e, assim, me dedicar mais ao curso.

Ao GRAV (Grupo de Relações afetivas e Violência). Nossa! Vocês são demais! Meninas, obrigada pela rica experiência de aprendizado que é conviver com vocês. Vocês são lindas, mulheres fortes, guerreiras, simples e com tantas outras qualidades.

À Helma, obrigada por você ter aberto a porta da sua casa para me receber e o seu coração. Mesmo tão sobrecarregada de tarefas do seu doutorado, abriu um espaço para me ajudar. Agradeço pela sua orientação e ajuda emocional, foi muito importante pra mim. Quero agradecer também a Raissa pelo apoio emocional que me deu ao telefone.

Ao Movimento das EJNS e seus participantes, pela abertura em me ajudar nas entrevistas, assim como também nas dúvidas sobre os documentos. Obrigada por todo o apoio. Em especial a minha Equipe linda, Nossa Senhora de Lourdes (Lourdinha), vocês não imaginam o quanto representam em minha vida. É uma família que Deus me deu de presente. Obrigada, ao Casal Acompanhador: Jaline e Ricardo; aos Conselheiros Espirituais: Pe. Claudio e Ir. Bruni; aos equipistas: Diego, Aenne, Sheyla, Eduardo, Rivaldinho, Jéssica, Kiara, Erika. Vocês são anjos de Deus em minha vida. Ao lado de vocês, pude viver o amor em família.

Ao meu amigo querido Jerônimo José de Oliveira, obrigada pela sua amizade e companheirismo que muito me ajudaram.

À minha cunhada Ximénia, pela ajuda na correção, você não imagina o quanto me ajudou. Peço a Deus que te retribua em chuvas de bênçãos para sua vida e da sua família linda. Minha enorme gratidão.

A todas as pessoas que conheci ao longo do curso. Por todos os colegas e professores que convivi, e pelas ricas experiências que foram adquiridas de forma direta e indireta, e que contribuíram para o processo de formação. Vocês também fazem parte desse projeto.

A todas as pessoas que passaram em minha vida, seja um desconhecido que me falou alguma coisa e que nem imaginava o quanto eu estava precisando ouvir, ou até mesmo pela postura. Todos contribuíram de alguma forma para o meu processo de aprendizado e formação, primeiramente enquanto ser humano e depois na formação acadêmica. Gratidão.

A todos os meus amigos e amigas, que Deus me presenteou. Sou muito grata por cada um de vocês.

Assim como comecei os agradecimentos, quero concluir agradecendo a Deus, autor de todas as coisas. E para quem rendo graças. Obrigada, Senhor Deus e minha mãezinha Nossa Senhora.

“Não sei se a vida é curta ou longa para nós, mas sei que nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.” (Cora Coralina)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar a percepção dos jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS), sobre a família. As Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) é um movimento de jovens da Igreja Católica de forte vivência da espiritualidade, em busca da santidade e a boa relação familiar. Pretendeu-se ter o movimento como objeto deste trabalho porque um dos pontos da busca da santidade é na sua relação familiar. Para a coleta de dados foram realizadas doze entrevistas divididas entre homens e mulheres do movimento. Para a fundamentação teórica foram utilizadas as contribuições de Singly (2007) acerca da Sociologia da família Contemporânea, que aborda a individualização das relações familiares, designando associações entre as mudanças da modernidade e seus efeitos na família contemporânea. Desta forma, do ponto de vista sociológico, buscou-se confrontar a dualidade trazida pelo conceito que o autor apresenta sobre a família e a tentativa de manutenção da família institucional das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS), bem como a noção de violência familiar caracterizada por alguns dos entrevistados como uma correção que visa o bem dos filhos e que não costuma ser tomada como um tipo de violência.

Palavras-chave: EJNS. Família. Individualização. Religião. Violência familiar.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the perception of the young people among the Equipe de Jovens de Nossa Senhora (EJNS), about the family. The Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) is a spirituality strong young people movement inside the Catholic Church, in search of sanctity and good family relationship. This movement was chosen as the object of this work because one of the demand points for sanctity is in their family relationship. During the collection of data, twelve interviews were conducted between men and women of the movement. For theoretical basis, the contributions of Singly (2007) on the Sociology of the Contemporary family, which addresses the individualization of family relations, were used, designating associations between changes of modernity and their effects on contemporary family. In this way, from the sociological point of view, we sought to confront the duality brought about by the concept which the author presents on family and the attempts to maintain Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) institutional family, as well as notion on family violence characterized by some of those interviewed having as objective, children correction and well-being which is not usually considered a type of violence.

Keywords: EJNS; Family; Individualization; Religion; Family violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 EQUIPES DE JOVENS DE NOSSA SENHORA (EJNS): DOS VALORES E PRÁTICAS RELIGIOSAS	14
2.1 Equipes de base e Plano Pessoal de Vida (PPV): a busca pela descoberta de si mesmo na família e na sociedade.....	21
3 FAMÍLIA: ALGUNS CONCEITOS TEÓRICOS	24
4 A PERCEPÇÃO DOS JOVENS DAS EQUIPES DE JOVENS DE NOSSA SENHORA (EJNS) SOBRE FAMÍLIA.....	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

O século XIX se configurou por um procedimento de ramificação das ciências naturais e das ciências humanas, diante das profundas transformações que aconteceram no Ocidente e em seu conjunto. Perante esse contexto de transformações junto à revolução industrial, a cultura européia se viu diante de novas formas de definição da própria capacidade de leitura, tanto da sociedade ocidental quanto das que o Ocidente estabeleceu uma relação de intercâmbio. Com isso, a partir do desenvolvimento das ciências humanas e com as exigências iluministas, foi-se firmando a ciência da religião, e com ela as contribuições que as diferentes disciplinas vinham oferecendo para o conhecimento científico das religiões. Para o surgimento da Sociologia da Religião Filorano e Prandi (1999, p. 92) nos falam que:

O nascimento da SR – que somente nas décadas de 40 ou 50 deste século foi identificada, no nível acadêmico, como disciplina autônoma – coincide, na realidade, com o nascimento da própria sociologia, pois o processo de crise radical da sociedade ocidental despertado pelas revoluções burguesas não envolveu somente as tradicionais estruturas produtivas e de poder, mas o cosmo simbólico global que a essas estruturas davam sentido e legitimação.

Diante desses fatos relatados, a Sociologia da Religião não posiciona a religião no centro dos seus interesses; mas, firma a atenção no fato religioso dotado de uma especial estrutura simbólica, considerando o papel que desempenha no interior dos mecanismos sociais.

Neste sentido, o trabalho apresentado pretendeu investigar a percepção dos jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) sobre a família.

As Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) são um movimento da Igreja Católica que tem Cristo como Centro, com a proteção de Nossa Senhora a Mãe de Deus, com a unção do Espírito Santo de Deus. Os participantes são jovens solteiros, com faixa etária entre 15 a 30 anos, sendo que o pré-requisito para a faixa etária de 30 anos é só para a entrada no movimento, podendo mesmo passado desta idade, continuar no movimento até quando sentir necessidade. Deve-se também destacar que o jovem não pode ter tido nenhuma relação conjugal. O seu carisma é a busca pela santidade, e os meios que o movimento propõe para se chegar a essa santidade é a vivência da oração diária, a busca da escuta e meditação da Palavra, oração do terço diário, participação da missa dominical, vivência dos Sacramentos, assim como também sendo testemunha do próprio Cristo na família e na sociedade ao qual

estão inseridos. Em sua estrutura metodológica as EJNS dispõem de documentos que ajudam na orientação e formação do equipista. No capítulo primeiro será descrito mais detalhadamente sobre o movimento.

As Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) começaram a tornar-se realidade em Setembro de 1977, em Gap, na França, e no Brasil, em 1991, no primeiro encontro Nacional em Aparecida/SP. Como é um movimento a nível internacional e conta com quase todos os Estados brasileiros, então, tendo em vista a organização, a dinâmica, e para também facilitar a comunicação entre todos, o movimento conta com uma estrutura que se divide em: Equipe de Base, Setor, Regional, Secretariado Nacional e Secretariado Internacional. Além dos jovens, conta-se também com um Casal Acompanhador e um Conselheiro Espiritual.

Foi pensando em ser o objeto da pesquisa os jovens participantes do movimento das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) da Igreja Católica, para analisar a percepção sobre a família, devido ao fato de que, umas das reflexões sobre a ação do jovem na participação no Plano Pessoal de Vida é exatamente sobre sua participação na vida familiar, e como através da participação no movimento, nas reuniões formais, na partilha, essa relação pode ser melhorada cada vez mais, tendo em vista sempre o carisma que é a busca da santidade, ou seja, como esse jovem equipista pode ser santo, na sua família, nas suas relações sociais, mas acima de tudo consigo mesmo e com Deus.

De acordo com Bernardi e Castilho (2016), o ser humano religioso sente necessidade de viver em um ambiente sagrado e conviver com coisas sagradas, por essa razão, cria lugares e coloca objetos que sacraliza, reveste de sentimento religioso. Com seus símbolos e significados.

Essa ambientação religiosa se dá também quando acontecem às reuniões formais nas casas dos equipistas, onde é preparado um altar com a imagem de Nossa Senhora, a bíblia e o terço, com o objetivo de tornar o ambiente mais religioso.

O pensamento contínuo identifica na religião a função psicológica de livrar o ser humano das angústias que o afligem, na proporção em que ela consegue demarcar a sua existência. Ela serve como um suporte para o enfrentamento da existência humana e seus significados sociais. Para Bernardi e Castilho (2016) esse sagrado inclui os seres humanos criando vínculos com o eterno, perfeito, abrangendo não só o ser humano, mas também grupos que admitem manifestações comuns que passam a fazer parte de uma sociedade e criam valores, que são elementos determinantes de uma cultura. Em todas as culturas, encontram manifestações possíveis de exteriorizar o sobrenatural que faz parte de suas vidas.

Diante disso podemos perceber também que um dos objetivos da religião é promover esse espaço onde se possa ter essa consciência cristã, do sobrenatural.

Sendo assim, a vivência da vida religiosa, da vida espiritual, contribui também na superação das angústias que a vida proporciona, assim como também que a fase da juventude trás, tendo em vista que sua idade corresponde a um momento de vida em que há decisões importantes para serem tomadas em relação: ao estudo, à profissão, à situação de vida, e tudo isso trás muitas angústias.

A juventude é caracterizada então como a fase de saída da infância e entrada na vida adulta e segundo Mariz (2005, p. 260):

Rituais de passagem para a vida adulta podem ser encontrados no mundo ocidental contemporâneo, mas tendem a ser cada vez menos intensos. Essa intensidade diminui ao mesmo tempo em que a experiência de liminaridade entre vida de criança e de adulto, ou seja, a juventude se amplia.

Essa passagem da juventude para a vida adulta acontece na inserção no mercado de trabalho, assim como também quando o jovem inicia a vida conjugal. De acordo com Mariz (2005), quando a etapa da vida de um indivíduo passa a ser calculada com precisão em termos de anos vividos, a posição de “jovem” ou “velho” a ela ligado ganha uma natureza quase que objetiva, que, de certa forma, parece se impor à vontade individual e até as decisões sociais. Sendo assim, na sociedade moderna, infância, juventude, maturidade e velhice tendem a ser igualadas a um conjunto de anos vividos, ou delimitados por eles. Por conseguinte, o *status* pertencente ao ciclo biológico do indivíduo, converte-se, ao oposto dos demais *status* acima mencionados, mais independente da opção individual.

Para o presente trabalho foi utilizada a pesquisa qualitativa, visto que, os métodos qualitativos consideram a conversação do pesquisador em campo como parte explícita da elaboração de conhecimento, em vez de unicamente encará-la como uma mutável a interferir no processo.

De acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa não se fundamenta em um conceito teórico e metodológico agrupado. Diversas abordagens teóricas e seus métodos descrevem as discussões e a prática da pesquisa. Os pontos de vista subjetivos concebem um primeiro ponto de partida.

Pensando em saber sobre a percepção dos jovens sobre família, foram realizadas 12 entrevistas, sendo dividida em seis homens e seis mulheres, homens veteranos e homens novatos no movimento, assim como também nas mulheres. O primeiro objetivo dessa divisão

entre novatos e veteranos no movimento foi para ver se existia alguma diferença de percepção sobre a família.

Como a maioria dos jovens equipistas trabalha e estuda, foi um pouco complicado conseguir um horário para as entrevistas, tendo que, na maioria das vezes, deslocar-me para o ambiente de trabalho deles. Assim como também, quando era feita na residência dos equipistas, o desafio existia devido a alguns familiares ficarem passando, sendo necessário interromper várias vezes à entrevista. Devido às dificuldades e como se aproximava a data do Retiro Anual, momento em que todos os equipistas do Setor se encontram durante um final de semana em um local próprio para retiro, deixei para fazer as outras entrevistas no Retiro, o que facilitou bastante, tendo em vista que estavam todos no mesmo local. Mesmo assim, foi pensando com maior cuidado sobre o sigilo e a preservação da pessoa. As entrevistas foram realizadas isoladamente e em local reservado pensando, a fim de preservar a identidade dos entrevistados.

Para a fundamentação teórica sobre família foi utilizada a análise que Singly (2007) faz em “Sociologia da família contemporânea”, que analisa as relações familiares, especialmente na França, designando associações entre as mudanças da modernidade e seus efeitos na família contemporânea, evidenciando, sobretudo o processo de individualização nas famílias.

A família se modifica, segundo Singly (2007), de estatuto ao se transformar em um espaço relacional mais do que uma instituição. Para tanto, as pesquisas nesse campo tornam a favorecer a análise dos comportamentos individuais e não familiares, pensando que eles são primordiais para compreender as novas estruturas familiares e suas demonstrações nas sociedades pelo enriquecimento da autonomia individual.

A utilização do método qualitativo foi pesando também devido ao fato de ter uma maior percepção das análises dos entrevistados, da forma de falar até do gesto que faz mudando, às vezes, quando muda a pergunta.

A temática designada está, portanto, descrita em três capítulos através dos quais buscamos analisar e contextualizar a problemática em estudo. Todo o procedimento investigativo foi assinalado por uma visão crítica necessária à percepção do objeto sociológico de nossa pesquisa.

No primeiro capítulo denominado, “Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS): dos valores e princípios”. Analisamos sobre a religião, com seus dogmas, valores, movimentos, pastorais, e o movimento das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) foi descrito a partir do seu surgimento, como também da sua estrutura e funcionamento.

No segundo capítulo, “Família: e alguns conceitos teóricos” tendo como fundamentação teórica Singly (2007) em a “Sociologia da família contemporânea”, foi feita uma análise sobre a individualização da família moderna e as transformações, demonstrando as diferenças entre a primeira e a segunda fase da família moderna. Dialogamos com várias áreas acadêmicas, procurando analisar as relações familiares e o tema da família.

No terceiro e último capítulo, intitulado “A percepção dos jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) sobre família”, foi feita a análise através dos dados coletados nas entrevistas sobre a percepção da família e sobre violência familiar.

2 EQUIPES DE JOVENS DE NOSSA SENHORA (EJNS): DOS VALORES E PRÁTICAS RELIGIOSAS

As religiões com seus dogmas, crenças e valores, dispõe de meios para nos ajudar na busca e vivência de uma espiritualidade alicerçada na vida e Palavra de Jesus Cristo. Para tanto se faz necessário da parte do indivíduo a crença, a fé. Visto que, não se vive aquilo que não se acredita. Segundo Teixeira (2003, p. 41):

A religião, com efeito, não é somente um sistema de idéias, é antes de tudo um sistema de forças. O homem que vive religiosamente não é somente o homem que se representa o mundo de tal ou tal maneira, que sabe o que outros ignoram; é antes de tudo um homem que experimenta um poder que não se conhece na vida comum, que não sente em si mesmo quando não se encontra em estado religioso. A vida religiosa implica a existência de forças muito particulares. Não posso pensar em descrevê-las aqui. Direi simplesmente que são as forças que levantam montanhas.

É essa força que o sustenta e o faz enfrentar as dificuldades da vida com mais esperança, elevando-o acima de si mesmo. A relação entre o homem e essa força está na vivência com o Sagrado. É um sentimento que a coletividade infundiu a seus membros, mas que estende fora das consciências que o experimentam. Para delinear-se, ele se firma sobre um objeto que se torna sagrado. Sobre essa relação entre o sagrado e a religião Teixeira (2003, p. 46) nos fala que:

‘Sagrado’ e ‘religião’, dois patamares deixam-se assim distinguir no interior do mesmo fenômeno religioso. O primeiro, do momento “frontal”, do acesso e da emergência, da efervescência criadora; o segundo, da manutenção e da revivescência, voltado para o passado, a repetição, a conservação – eventualmente a manipulação e a exploração. O “sagrado” e o “religioso” não se opõem sem mais: eles se articulam dialeticamente, pois mesmo o momento administrador, além de sua necessária função mantenedora e reafirmadora, revelam sempre a possibilidade de ressurgência efervescente do mesmo sagrado redivivo, ou do surgimento de um sagrado novo, surpreendente, inesperado.

Sendo assim, há uma junção entre o sagrado e a religião, pois para se ter uma vivência religiosa é preciso ter essa aproximação com o sagrado. Assim como nos fala Veiga (2013) que o homem sente a necessidade de religião, dessa transcendência, para que não carregue sozinho a sustentabilidade do mundo e da vida, que divida aparentemente com outros seres e o sagrado.

Essa manifestação da força ajuda nos momentos de dificuldades, para superar o medo, indicando o caminho que se deve seguir.

Dessa forma, a religião através dos seus movimentos, pastorais, dogmas são como “instrumentos” nessa busca da vida espiritual. Na religião católica, um dos movimentos são as Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS), que é o objeto de estudo deste trabalho, que tem Cristo como Centro, com a proteção de Nossa Senhora a Mãe de Deus, com a unção do Espírito Santo de Deus. O seu carisma é a busca da santidade, e para tanto, um dos meios para se chegar a essa santidade é a vivência da oração diária, a busca da escuta e meditação da Palavra, oração do terço diário, participação da missa dominical, vivência dos Sacramentos. Sobre a oração diária do equipista, o documento do Plano Pessoal de Vida nos fala que:

Os membros das EJNS devem dedicar todos os dias um tempo a Oração Individual. O hábito da oração continua a requerer, de modo imprescindível, a dedicação exclusiva de algum tempo. A Oração Individual despertará progressivamente o dom da oração contínua. É com este dom que Deus se faz presente em toda e qualquer atitude, convertendo-a também em oração. Tudo, trabalhos e diversões, adquirem, assim, sua dimensão de oferenda e louvor. A Oração Individual é um tempo de intimidade, no qual Deus fortifica a fé e renova o compromisso cristão, no qual cada jovem dá a oportunidade de Deus seduzi-lo (EJNS, 2011, p.5).

São jovens de Nossa Senhora, com seus desafios, angústias, incertezas, que a própria fase da juventude trás, em busca de uma santidade. Por mais que os participantes de uma Equipe possam ser muito diferentes na sua experiência humana e espiritual, na sua condição de fé, na sua cultura, modo de vida e atividades. Visto que sua idade corresponde a um momento de vida em que há decisões importantes para serem tomadas em relação ao estudo, profissão, situação de vida, são nos encontros em Equipe e no aprofundamento da sua fé que encontram forças para seguir seus anseios. O protagonismo dos jovens promove os fatores necessários para as Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) ser verdadeiramente um Corpo Vivo que transmite a mensagem de Cristo.

As EJNS são um movimento de exigente espiritualidade, propondo a seus membros uma vida em Equipe para ajudá-los a progredir em esclarecido amor a Deus e ao próximo. Assim, as EJNS preparam seus membros para o testemunho. Como aos discípulos, Deus envia cada jovem para anunciar o Evangelho, cuja forma compete a cada jovem escolher. Todo Equipista é convidado a exercer o chamado feito pelo próprio Cristo: “Vós sois sal da terra e luz do mundo” (cf. Mt 5, 13-14). Desta forma, é missão dos membros das EJNS testemunharem sua fé no cotidiano de suas vidas. (EJNS, 2011, p.9).

A definição e parecer do ser jovem nas relações juvenis da complexa contemporaneidade estão ligados aos contextos de ordem cultural, social, político e econômica de cada sociedade. Muitos jovens, na sociedade brasileira, encontram-se descartados do processo de obtenção de competências necessárias à entrada no mercado de trabalho. A referência de inclusão social passa constantemente, na sociedade contemporânea, pela educação e trabalho, apesar da falta de acesso à educação e emprego de parte desses jovens.

Sobre ser jovem, Mariz (2005, p. 261) destaca a passagem da juventude que está relacionada à transição da infância para a vida adulta:

Nas sociedades tradicionais, a juventude é menos definida pela idade do que pelo fato de não haver o desempenho ainda dos papéis atribuídos aos adultos. Nessas sociedades, jovens são os que não se casaram, não tiveram filhos ou ainda não estão no mercado de trabalho, por exemplo. Deixa-se de ser jovem não quando se alcança determinada idade, mas com o total ingresso no mundo adulto. Vive-se a experiência de ser jovem enquanto esse ingresso ainda não ocorreu totalmente e já houve o abandono dos papéis infantis. Vivendo nessa liminaridade, os jovens compartilham uma situação de fragilidade social, o que é verdade tanto em sociedades tradicionais como nas modernas.

As Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) são um Movimento em que os jovens fazem a descoberta de si mesmo, e através dessa vivência em equipe, e busca de uma maior intimidade com Deus, e capacidade para os desafios da vida cotidiana, sejam elas na família ou na sociedade ao qual estão inseridos. Segundo Mariz (2005, p. 261):

A juventude, tal como a concebemos em nossa sociedade, é por definição um período de liminaridade e, portanto, socialmente instável e frágil. Esse estágio se torna cada vez mais prolongado e, mais do que em outros períodos da vida, parece fomentar a necessidade de sentimento de pertencimento e de comunhão.

Sendo assim, a fase da juventude está relacionada a essa transição e as consequências que se dão nesse processo. Não só relacionado à vida profissional, mas também a sociedade de consumo, sobretudo no mundo moderno. A família tem um importante papel na vida desses jovens.

O movimento das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) surgiu no Encontro Internacional das Equipes de Nossa Senhora (ENS)¹, em Roma em 1976, quando a jovem Christine d'Amonville – filha de um casal equipista² – decidiu organizar, paralelamente ao encontro, uma reunião para os filhos dos casais, e teve como apoio o Padre Guy Thomazeau. Os participantes desse primeiro encontro começaram a divulgar em seus países a experiência que vivenciaram e, iniciou assim, o projeto de criar Equipes juvenis inspiradas na espiritualidade das Equipes de Nossa Senhora (ENS).

As EJNS herdam das Equipes de Nossa Senhora (ENS) a estrutura do Movimento em Equipe e a devoção à Nossa Senhora. Enquanto o carisma das ENS é a espiritualidade conjugal, o carisma das EJNS é santificação dos jovens. Os jovens Equipistas encontram nas EJNS os meios que precisam para desenvolver sua espiritualidade, através das atividades desenvolvidas dentro da Equipe de Base e do Movimento como um todo. (EJNS, Novembro de 2011, p.4).

Sendo assim, as EJNS são formadas por jovens que buscam através da vivência em equipe aprofundar a sua fé e um amadurecimento na vida espiritual, ajudando nas suas relações familiares e sociais ao qual está inserido. Segundo a Carta Internacional: “A equipe é uma comunidade aberta a todos os jovens que procuram qualidade na sua vida Cristã. (EJNS, 2006, p. 5).”

As orientações e definições elaboradas pelo Movimento, sobre a motivação do Espírito Santo, têm como objetivo sustentar tanto a sua identidade quanto a unidade. Sendo assim, as EJNS, define sua estrutura pedagógica composta por quatro documentos que são: Manual da Equipe de Base, Carta Internacional, Plano Pessoal de Vida (PPV) e Vidas das EJNS. Desta forma, esses documentos contribuem na formação do jovem e o orienta na vivência do que pede o carisma do Movimento que é a busca da santidade e sua ação na sociedade. De acordo com a Carta Internacional:

Uma Equipe de Jovens de Nossa Senhora forma uma pequena comunidade na qual cada um se compromete a partilhar com os outros o seu crescimento espiritual. A partilha em Equipe de todos os momentos da vida ajudará cada membro a viver plenamente a sua vocação de homem e a alcançar a liberdade do filho de Deus. A ajuda dentro da Equipe é vivida pelo esforço

¹ Equipes de Nossa Senhora é um movimento da Igreja Católica para casais que tem como carisma a espiritualidade do casal, sendo que para participar do movimento o casal precisa ser casado na Igreja Católica Apostólica Romana.

² Filha de casal que participa das Equipes de Nossa Senhora (ENS).

de cada um em acolher e escutar o outro no desejo de conhecê-lo melhor. Da abertura aos outros e da aceitação das diferenças legítimas poderá nascer à confiança mútua e uma amizade mais autêntica. Cada um deve trazer os seus dons para a vida de Equipe e sentir-se sempre responsável pelo seu crescimento (EJNS, 2006, p. 4).

A estrutura das EJNS se divide em: Equipe de Base, Expansão, Setor, Secretariado Regional, Secretariado Nacional e Secretariado Internacional. Todas as funções são exercidas pelos jovens que compõem o Movimento, mais um Casal Acompanhador que obrigatoriamente tem de integrante das Equipes de Nossa Senhora (ENS). De acordo com o documento da Carta Internacional: “A experiência de um casal cristão que acompanha a Equipe traz aos seus membros uma riqueza complementar àquela que caracteriza a presença dos pais. (...) (EJNS, 2006, p.3)”. Assim como também, pela troca de experiências os jovens vêm bem de perto os reais testemunhos que são a base para discernir sua vocação matrimonial. Desta forma, a presença do Casal Acompanhador, trás esse alicerce de vida matrimonial, ajudando aos jovens a compreender melhor a relação familiar, através do seu testemunho e obediência a Igreja ao seu matrimônio e transmitindo ao jovem a sua própria vocação.

O Casal Acompanhador é aquele que orienta a Equipe Base, cuidando para que ela não se desvie, tomando um caminho diferente do esperado pelo Movimento e pela Santa Igreja. Não pode, entretanto, ser o responsável pelo andamento das atividades na Equipe de Base, não devendo atuar quando os jovens não estão agindo. Neste caso, é fundamental estimulá-los a agir! A missão do Casal Acompanhador passa, ainda, por pertencer à Equipe de Base, viver o seu dia a dia, com as suas alegrias e tristezas, os progressos e as quedas, percorrendo o caminho com cada um dos jovens. Entretanto, não são só responsabilidades. Com os jovens, o Casal Acompanhador aprende uma maneira "rejuvenescida" de ver a vida, recebendo a alegria e o entusiasmo próprios da juventude. O relacionamento com os jovens possibilita compreender as situações pelas quais os seus filhos, à semelhança dos jovens da Equipe de Base, passam ou vão passar, o que pode ser uma maneira de ajudar os próprios filhos e melhorar o relacionamento com eles. (EJNS, novembro de 2011, p.5).

De acordo com Carvalho e Almeida (2003), a família é vista como elemento chave para a transmissão de valores, assim como também responsável pelas existências de seus participantes, contribuindo para a satisfação de suas necessidades básicas.

Quando os jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) foram perguntados sobre a importância da família, uma entrevistada respondeu que:

Acho que a família é essencial pra vida de qualquer pessoa né, a base, é onde ela vai aprender o que é certo e o que é errado, vai aprender as moralidades

do conceito de ética, saber distinguir as coisas, ter exemplos. Acho que é tudo, exemplo é a base o porto seguro. (ENTREVISTADA 3)

Deste modo, a família atua como um instrumento para dispor aos indivíduos meios que o auxiliem na sua formação individual e social. Com a presença e orientação do Casal Acompanhador nas EJNS, os jovens percebem também a relação de sua vida familiar e como podem fazer para melhorar a vivência familiar. De acordo com Carvalho e Almeida (2003, p. 111):

De início, vale reafirmar que o conceito de família é polissêmico, com várias acepções. No sentido mais restrito, ele se refere ao núcleo familiar básico. No mais amplo, ao grupo de indivíduos vinculados entre si por laços consangüíneos, consensuais ou jurídicos, que constituem complexas redes de parentesco atualizadas de forma episódica por meio de intercâmbios, cooperação e solidariedade, com limites que variam de cultura, de uma região e classe social a outra.

Além da presença do Casal Acompanhador tem também o Conselheiro Espiritual, que como já foi falado pode ser: um Padre, um Seminarista ou uma Freira. É o Conselheiro Espiritual que acompanha o jovem no seu crescimento espiritual, ajudando a cada membro a aprofundar a sua vida de fé e o seu conhecimento de Deus, e sinal de que a Equipe de Base faz parte da Igreja, que recebe tudo de Cristo. Desta forma, assim como a presença do Casal Acompanhador testemunha a vida matrimonial e auxilia os jovens à vocação matrimonial, a presença do Conselheiro Espiritual, também inspira para quem quer seguir a vida consagrada.

O Movimento tem como célula inicial que é a Equipe de Base, com suas funções para um melhor funcionamento da equipe. De acordo com o documento Manual da Equipe de Base:

A Equipe de Base é o meio escolhido pelas Equipes de Base de Nossa Senhora (EJNS) para ser Igreja, com Cristo, sob o modelo e proteção da Santíssima Virgem Maria, Nossa Senhora e Mãe. É através da Equipe de Base que o jovem busca a santidade, apoiado na partilha, oração, formação e ajuda mútua. A Equipe de Base é uma comunidade de fé, de jovens em estado de missão, comprometido seriamente com a Igreja e com o mundo (EJNS, novembro de 2011, p. 3).

A Equipe de Base é formada por sete a doze jovens, com o Casal Acompanhador e o Conselheiro Espiritual. Cada equipe domina uma Nossa Senhora para ser sua “madrinha”, e que será o nome da equipe. Segundo a Carta Internacional:

Nossa Senhora é o nome que trazemos por herança nas nossas Equipes. Com ele recebemos a vontade de querer cada vez mais dar a Maria o lugar que é seu no mistério de Cristo. As EJNS puseram-se sob a proteção de Maria, Mãe de Deus, exprimindo com a mesma confiança, o desejo de amar cada vez melhor e a certeza de receber pela sua mediação uma fé mais profunda, uma entrega mais sincera à luz do Espírito Santo e um amor mais fiel à Igreja.

A vida de Equipe desenvolve valores humanos de que Maria é o modelo: amor, disponibilidade, paciência, confiança, fé, ajuda mútua e perseverança. Como o Sim de Maria deu sentido à história da humanidade, o nosso sim também se torna participação ativa na Obra da Salvação (EJNS, 2006, p.4).

Quando dão seu sim ao entrar no movimento, os jovens são chamados para exercerem também funções. Cada função no Movimento visa facilitar a organização e andamento do que é posto dentro do seu carisma e estrutura. A escolha dos jovens que irão exercer alguma função se dá na penúltima reunião do ano, sendo acompanhada pelo Casal Acompanhador e o Conselheiro Espiritual. Cada função tem duração de um ano podendo ser renovada ou não pelo mesmo jovem. As funções a nível Setor, Regional, Nacional e Internacional valem por três anos, podendo também ser renovada ou não pelo mesmo jovem. Sempre a penúltima reunião do ano é destinada para a escolha das funções. A posse se dá no ano seguinte com uma missa, assim como também iniciando o novo ano. Para o Manual da Equipe de Base:

Essas Funções visam facilitar a divisão e organização das atividades, assim como fomentar nos Jovens um espírito de serviço e co-responsabilidade dentro do Movimento. Assim, os Jovens que exercem as Funções são Equipistas que aceitaram colocar-se a serviço de sua Equipe de Base e do Movimento pelo período de um ano, exercendo atividades inerentes à sua função (EJNS, novembro de 2011, p.8).

Essa nomeação para ser Responsável, ou assumir função em alguns dos órgãos do Movimento, deve ser acolhido como um presente e ser recebido com compromisso e dedicação. É um compartilhamento dos seus dons e carismas a serviço uns dos outros, visando sempre o crescimento tanto do Movimento quanto dos equipistas. O Responsável e os que irão desempenhar alguma das outras funções devem estar próximos a Cristo por meio da oração individual e da participação dos Sacramentos. Os que exercem funções devem se comprometer a conduzir, animar, e ser o primeiro a servir.

No Movimento existem também os encontros Nacionais e Internacionais, têm sido um momento importante para uma maior vivência com todos os jovens participantes do Movimento. De acordo com a Carta Internacional:

Uma EJNS não é simplesmente um grupo de amigos, mas uma verdadeira célula da Igreja que se reúne em nome de Cristo para conhecer e aprender a partilhar o Seu amor. Seguindo sempre o seu próprio caminho de encontro pessoal com Cristo, cada um tenta compreender e viver melhor a sua fé (EJNS, 2006, p.5).

É na Equipe de Base que se vive a célula básica do Movimento, na Reunião Formal que se dá a partilha de tudo o que foi vivido naquele mês, e se encontra também a ajuda mútua dos participantes e da Misericórdia de Deus. Ou seja, a Equipe de Base é uma comunidade de fé, de jovens em estado de missão, comprometido seriamente com a Igreja e com o mundo.

2.1 Equipe de Base e Plano Pessoal de Vida (PPV): na busca pela descoberta de sim mesmo na família e na sociedade

A Equipe de Base é o meio pelas Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) para ser Igreja, com Cristo, sob o modelo e proteção da Virgem Maria a luz do Espírito Santo de Deus. Na mesma equipe não pode participar alguém da família ou namorado (a) ou alguém com algum grau de parentesco para que não possa inibir o momento da reunião de partilha. De acordo com a Vida das EJNS diz que:

Também se espera que quem adere ao Movimento aceite e que busque o crescimento humano e espiritual com os meios oferecidos pelo Movimento e pela ajuda mútua, exigente e fraterna da Equipe, que é o lugar para quem procura um crescimento espiritual diário. Assim, exige-se que haja intenção e decisão de superar os eventuais desânimos e rotina que, surgem na caminhada das Equipes (EJNS, 2011, p. 4).

As Reuniões Formais acontecem uma vez por mês, sendo cada vez na casa de um equipista diferente daquela Equipe de Base. Quando é o dia da reunião recomenda-se que os familiares não fiquem circulando na casa devido à confidência do momento de partilha assim como também a inibição dos presentes. Em toda reunião, estuda-se também um tema que faz parte do Temário elaborado pelo Secretariado Nacional. A reunião Formal é dividida em quatro tempos principais que são: Oração, Partilha, Estudo do Tema e Pontos de Esforço. Segundo a Carta Internacional: “Esta pedagogia tem por objetivo ajudar cada membro a

conhecer melhor a Cristo, viver uma experiência concreta, pessoal e constante com Ele” (EJNS, 2006, p.6).

As Equipes de Jovens de Nossa Senhora é o Movimento que se preocupa não só com a espiritualidade dos equipistas, mas sim, com sua relação individual, familiar e social. Pois é na família que são chamados a ser testemunhas vivas do Próprio Cristo. Para isso também se faz necessário a presença do Casal Acompanhador, para dá esse alicerce e ajuda nas experiências familiares. Os jovens são convidados para através de uma análise no momento de partilha refletir sobre sua relação familiar e como superar os desafios. É no momento da partilha que se fala sobre a vivência mensal do Plano Pessoal de Vida (PPV). Segundo o documento Plano Pessoal de Vida:

O PPV é um plano de vida adotado por cada Equipista depois de um exame de consciência pessoal e comunitário de sua resposta ao chamado de Deus. É como um guia que orienta, através do Carisma das EJNS, para uma vivência cristã exigente o suficiente para aproximar cada jovem de Deus. Este guia reflete o instrumento “Pontos Concretos de Esforço” utilizado pelos casais das ENS, tendo sido adaptado às possibilidades dos jovens. O PPV não é um objetivo por si só. Os jovens Equipistas não se reúnem somente para pôr em prática este Plano. Ele é, antes, um meio desenvolvido pelo Movimento para que os jovens tenham metas claramente definidas para sua santificação, através de sua busca individual e da ajuda mútua de todos os membros. Estas metas são conhecidas como Pontos de Esforço. No PPV, existem quatro Pontos de Esforço que são comuns a todos os membros: Oração, Personalização, Missão e Participação da Vida das EJNS. Estes Pontos de Esforço que estão em linha com o que a Igreja propõe para seus membros e são imprescindíveis para manter a fidelidade ao chamado nas EJNS. Entretanto, existem outros aspectos que cada um deve assumir para ser fiel ao seu chamado pessoal (Ponto de Esforço Individual) (EJNS, 2011, p. 3).

Cada equipista é atraído a viver diariamente esses pontos, visando sempre a sua conversão tendo como objetivo a sua santidade. O equipista é encorajado a olhar para dentro de si e perceber o que não vai bem. Essa análise de si mesmo passa sobretudo na relação familiar. De acordo com o documento Plano Pessoal de Vida:

A Missão do Equipista de ser discípulo de Cristo no mundo passa primeiro pela família. Antes de propagar os valores cristãos pelo mundo, deve-se olhar para aqueles que são mais próximos. Por isso, os membros das EJNS se comprometem a viver em seu lar o sentido de missão, com espírito de família cristã. Precisa-se assumir a família como ela é, com qualidades e defeitos. E partindo do modelo de família que se tem, buscar na correção fraterna e no amor, próprios das EJNS, a vivência da caridade, da partilha, da acolhida, do perdão e da doação (EJNS, 2011, p. 10).

Todo equipista é inserido a refletir sobre sua relação familiar, como é sua convivência, seu testemunho, e assim buscar sempre uma relação mais harmoniosa, onde se vive o respeito, amor, afeto, companheirismo, aceitando as diferenças e limitações do outro. Pois de acordo com o testemunho do próprio Cristo, somos motivados a seguir seus passos, colocando-se a serviço uns dos outros, com atitudes concretas no nosso dia a dia. Para o Plano Pessoal de Vida:

O PPV pede ao Equipista um compromisso concreto no interior do seu lar. Desde o simples colaborar nos afazeres de casa, até estar atento a quem passa por um momento difícil, apoiar ao mais fraco, ser o mediador, apaziguando as discussões e criando a possibilidade de oração em família. Se o jovem, por egoísmo, arbitrariedade ou intolerância, é causa das tensões no interior de meu lar, deve ele começar por aí, consciente de que está sendo chamado a muito mais. A presença de um diálogo adulto e alegre, serviçal e atento de quem vive a espiritualidade das Equipes deve levar ao lar paz, liberdade, convivência (EJNS, 2011, p. 10).

Sendo assim, as Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) tentam ser um instrumento dos valores cristãos levando o jovem a refletir sobre o seu papel na família e na sociedade, em paralelo ao que Singly (2007) fala das relações da família contemporânea onde se vive a busca pela individualidade dos papéis familiares. Essa busca da autonomia dos indivíduos.

3 FAMÍLIA: ALGUNS CONCEITOS TEÓRICOS

A família tem sido objeto de discussões e debates cada vez mais aprofundados no âmbito científico e religioso. Ocorre que, desde a metade do século passado, acentuou-se uma crise no modelo tradicional de família, com aumento no número de separações, diminuição do número de filhos e o aumento da quantidade de uniões sem casamento civil ou religioso. Tais episódios tanto indicaram a assimilação de que se delineara a crise da família, como a geração de novos modelos familiares. Sobre essa relação familiar de divórcio, e crise familiar Carvalho e Almeida (2003, p. 110) consideram que:

Ainda que no passado as causas não tenham sido as mesmas, fenômenos como o incremento do número de separações, de casamentos tardios, de nascimentos fora do casamento ou da proporção de mulheres trabalhando fora, já se verificaram em outros momentos das sociedades ocidentais.

Para Singly (2007), a correlação entre família e sexualidade vem sendo alterada significativamente nas últimas décadas. A família contemporânea ocidental percebeu considerável e profunda mudança a partir dos anos 1960. Com o domínio da fecundidade mediante a contracepção e o crescimento de divórcios, de união livres e da constituição familiar, também contribuiu para o aparecimento de outras formas de vida familiar.

A família se modifica, segundo Singly (2007) de estatuto ao se transformar em um espaço relacional mais do que uma instituição. Para tanto, as pesquisas nesse campo tornam a favorecer a análise dos comportamentos individuais e não familiar, pensando que eles são primordiais para compreender as novas estruturas familiares e suas demonstrações nas sociedades pelo enriquecimento da autonomia individual. De acordo com Gonçalves (2005, p. 216): “Na ausência da intermediação do Estado, a família arca com a responsabilidade de transmitir os valores sem os quais uma sociedade não pode ser entendida como tal”.

Sendo assim, com a falta dessa intermediação do Estado, fica a cargo da família ter o controle sobre a transmissão de valores.

De acordo com Singly (2007), é necessário decidir a inquietação entre estar só e viver junto, entre o individual e o coletivo, pois, mais do que nunca, é indispensável respeitar o momento de cada um na vida em comum. Ainda segundo o autor:

Nesse sentido, para F. de Singly, hoje é impossível “desprezar o individualismo, a menos que se admita que o percurso de vida de um

indivíduo pode ser determinado por outros que não ele próprio”. Esse indivíduo emancipado continua o sociólogo, “não é um indivíduo ‘desligado’ de todos os elos e do social, sonhando estar numa ilha deserta. Idealmente, ele o poder – reconhecido e validade socialmente – de definir seus pertencimentos, de decidir sua vida, de resistir às evidências de uma identidade que os outros lhes impuseram (SINGLY, 2007, p. 20).

Para Singly (2007), essa busca pela individualização não se dá fora da família, mas principalmente dentro da relação familiar. Visto que, as relações interpessoais e sociais, especialmente no Ocidente, apresentam muitas diferenças se comparadas com as gerações que as precederam. Muito disto tem relação com essa busca da pessoa de ser um indivíduo original e autônomo, derivada da imposição dessas sociedades, suas influências e ideologias. Além disso, observa-se a importância da dimensão relacional presente na sucessão constitutiva da identidade pessoal dos indivíduos, o que mostra o papel que na formação dos valores e dos significados tem, geral e preferencialmente, o parceiro ou o cônjuge para a mulher ou para o homem, os pais para os filhos e mutuamente. Sendo assim, para o autor, o indivíduo sonha com a liberdade:

O indivíduo sonha com a liberdade “dos seus movimentos, do seu corpo, dos seus amores, dos seus laços, sem estar amarrado aos papéis, aos lugares, às expectativas”. Libertar-se das amarras, “individualizar-se”, não significa que se deseje viver só ou que se sonhe com a solidão (SINGLY, 2007, p. 21).

No decorrer das últimas décadas, pode-se perceber a partir do estudo de Singly (2007), que a questão da crise da família, no Ocidente, foi ocasionado pelos efeitos da generalizada concordância social do divórcio, da decadência da instituição do casamento e da baixa taxa de fecundidade. Sendo assim, esses acontecimentos são demonstrativos relevantes para a afirmação que a família vive um momento de crise, quanto recomendaram a análise do aparecimento de novos modelos familiares, identificados, pelas transições nas relações entre os sexos e as gerações, assim como também pela baixa taxa de natalidade, pela mudança em relação a vida sexual fora do matrimônio, a implantação da grande massa de mulheres no mercado de trabalho, indagação quanto à autoridade do pai, entre outras. Segundo o autor há outras formas de mudanças no interior da família moderna:

Mas esse não é o único elemento mobilizador das mudanças no interior da família; outro, como o controle da fecundidade por meio da contracepção e o aumento do número de divórcios, de uniões livres e de recomposições familiares, também contribuíram para o surgimento de outras formas de vida familiar. Essa diversidade tem por efeito a modificação do calendário

familiar, já que os casamentos ou as uniões acontecem mais tardiamente e, conseqüentemente, os nascimentos também (SINGLY, 2007, p. 11).

Nas várias pesquisas feitas na Europa sobre família, há a constatação de que os indivíduos não se encontram mais pelos laços familiares. Singly (2007) identifica, inclusive, na sua obra, algo que é bastante comum nas relações parentais ainda hoje em muitas cidades menores do interior, mas que paulatinamente tem mudado, como o fato de os indivíduos serem identificados e reconhecidos socialmente a partir dos laços familiares, por exemplo, com o uso de expressões como “filhos de cicrano” ou “mulher de fulano”. Assim como Singly (2007, p. 16) descreve: “(...) a família se torna mais do que nunca relacional, ainda que inscrita num processo de individualização e autonomização de uns membros.”. Para o autor, o individualismo contemporâneo é olhado positivamente como uma forma de criar laços sociais, que não se restringem aos papéis e lugares anteriormente definidos pela família.

No decorrer do século XX, a família torna-se um espaço no qual os indivíduos confiam que estão seguros em sua individualidade, em outro órgão, ou seja, o Estado que controla e regula as relações dos que pertencem à família. E as relações que se dão dentro da família estruturam dentro dessa dualidade: uma solicitação de independência coletiva e individual e ao mesmo tempo, uma obediência da esfera pública. Singly (2007, p. 31) destaca que:

Assim, afirma que a família nuclear – quer dizer, uma família composta de um homem, uma mulher e seus filhos e eu vivem na mesma moradia – sempre existiu não significa, entretanto, dizer que esta família sempre preenche funções idênticas, ou que a regulação das relações entre os sexos e as gerações sejam a mesma. A família nuclear dos anos 1950, na França, não pode ser comparada aos simples domicílios dos séculos XVI ou XVII.

A estatização da família moderna é de certa maneira imaginação, e é conduzida por uma mediação do Estado e das instituições. E essa intervenção do Estado na família moderna é feita de diversas formas assim como descreve Singly (2007), que no decorrer da Terceira República (1875-90), os cientistas e os legisladores se uniram para proteger a infância, ajudando os pais no cuidado de seus filhos. Sendo assim de acordo com o autor: “Depois dos anos 1960, tanto as mudanças da lei quanto da política familiar mostram que a lógica individualista é mais forte do que o familialismo que defende um modelo centrado na família.” (SINGLY, 2007, p. 64). Sobre a relação da família moderna com o Estado Silva, Constantino e Rondini (2012, p. 222) destacam a relação dos pais com os filhos:

A conduta dos pais em relação aos filhos está intimamente ligada à colocação de regras, normas e limites, pois, desde os primeiros anos de vida, o bebê começa a construir seu referencial de atitudes por meio do “olhar” e do comportamento do adulto. Recebe orientações a respeito do que é importante para preservar e defender a vida, como habilidades sociais e estímulos para crescer. Essa conduta é que possivelmente permitirá a constituição do referencial de limites e a posterior formação de sua personalidade e conduta em sociedade.

Para Singly (2007), na França, o Estado cumpre um papel fundamental na construção da família moderna, o Estado definindo a autoridade do pai por meio da escolarização obrigatória; depois transformando certas situações em “riscos familiares” e que merecem ser apoiadas por ele. Para o autor essa dualidade de autoridade paterna e com as leis Estadadas, é demonstrada a seguir:

Depois da segunda metade do século XIX, o Estado controla as condições do exercício da paternidade: 1841 leis sobre o trabalho das crianças e o enfraquecimento do poder do pai; 1889, lei sobre a interdição paternal em proveito da Assistência Pública; 1898, lei sobre os maus-tratos infligidos às crianças; 1935, supressão da correção paternal; 1938, abolição do poder marital; 1970, desaparecimento do “poder paterno”, substituído pela autoridade parental; 1972, atribuição da autoridade parental à mãe exclusivamente no caso de não-casamento (SINGLY, 2007, p. 70).

Sendo assim para Singly (2007) o Estado favoreceu para anular o pai, e diz o autor que isso é percebido pelos profissionais da psicologia e da psiquiatria, visto que eles percebem tal estrago causado. Diante essa análise sobre a o papel do pai quanto também da mãe, Scott (2012, p. 3) descreve que:

Os novos e variados arranjos familiares permitem uma convivência plural dentro das casas e estão gerando a necessidade de se compreender a “vida em família” sob outros moldes, incluindo as mudanças nos papéis desempenhados por homens e mulheres.

Entretanto de acordo com Singly (2007), não é fácil estabelecer até onde vai à ausência tanto do pai quanto da mãe: “Deve-se incluir ou não a duração dessa ausência? Em que momento ela apareceu na história da criança? Foi disponibilizada ou não a substituição do papel paterno: um avô, um tio, o padrasto?”. (SINGLY, 2007, p. 73). Porém, para o autor, é preciso entender também que a fragmentação familiar pode ser bem maior em certos níveis sociais do que em outros.

Na maioria das vezes quem mais sofre com os divórcios são os filhos, por conviver com o afastamento de um dos dois, sentindo-se causador da separação. Podendo acarretar problemas psicológicos, sociais, como também baixo rendimento escolar. Segundo Carvalho e Almeida (2003, p. 116):

Isso porque, nas classes populares, o homem ainda é considerado e valorizado como chefe e provedor da família, ao passo que as mulheres tendem a perceber o casamento como apoio moral e econômico e, muitas vezes, como oportunidade de deixar de trabalhar, dedicando-se aos afazeres domésticos e à criação dos filhos. À medida que o desemprego e os baixos níveis de remuneração inviabilizam essa divisão sexual de responsabilidades, o projeto feminino de melhorar de vida pelo casamento é frustrado, enquanto o homem, impossibilitado de cumprir o seu papel, sente-se fracassado, enveredando muitas vezes pelo alcoolismo ou abandonando a família. Assim, a ruptura das possibilidades objetivas de manter o padrão de família culturalmente estabelecido e dominante parece estar contribuindo para o aumento das separações e das famílias monoparentais, chefiadas sobretudo por mulheres.

O que podemos perceber sobre a divisão sexual das responsabilidades como destacam Carvalho e Almeida (2003), é que, um dos fatores do divórcio e com isso para as famílias monoparentais está ligado ao poder econômico dos casais.

São cada vez mais frequentes, na sequência de situações de divórcio, agregados familiares que deixam de englobar os dois progenitores e os seus filhos, passando os últimos a viver apenas com um progenitor (famílias monoparentais) ou com um casal em que apenas um dos elementos é seu progenitor (famílias reconstruídas).

Singly (2007) assimila que quando o patrimônio econômico é o apoio da linhagem familiar, certas maneiras de produzir o patrimônio e de propagá-lo podem trazer problemas para seus descendentes. Isso acontece, quando o pai guarda o patrimônio consigo deixando os filhos a esperar, e assim ficando sobre sua dependência paternal. O autor destaca que: “Se, no século XVIII, o “desequilíbrio” dos filhos está associado ao patrimônio da linhagem, no século XX as dificuldades dos filhos podem ser provenientes do contexto relacional no qual viveram com sua família.” (SINGLY, 2007, p. 76).

Para Gonçalves (2005, p. 214), a hierarquia das gerações é o pilar das relações sociais: “As mães entendem que a obediência à hierarquia entre as gerações é o pilar nas relações sociais, pois é o respeito ao próximo que produz o assujeitamento necessário à transmissão de valores e à formação do caráter.”.

Para Singly (2007), foi em meados do século XVIII no teatro, que o casamento se harmonizou com o amor, na história retratada de um homem rico apaixonado por uma mulher

pobre. Essa discrepância do nível social veio afirmar a aproximação entre o amor desinteressado e o casamento. O autor destaca que:

Para ser compatível com o amor, o casamento não pode mais ser por interesse, ele não pode mais ser arranjado pelas duas famílias que defendem melhor seus patrimônios. Ele deve, pelo menos no imaginário, ser livre das pressões sociais e familiares. (SINGLY, 2007, p.95).

A liberdade dos parceiros solicitada pelo sentimento amoroso só tolera, casualmente, um controle dos pais. Uma vez que, não é certo, falar que a mulher ou o homem tem como interesse escolher um parceiro que possua um alto valor social. Pois de acordo com Singly (2007, p. 98), é preciso buscar uma equivalência entre o valor masculino e o valor feminino nos casamentos como destaca a seguir:

Nos casamentos contemporâneos, sempre se busca uma equivalência entre o valor masculino e o valor feminino; mesmo a união livre não modificou esse princípio, os concubinos tanto quanto os casados elegem seus parceiros segundo uma semelhança social ou cultural. Como explicar que, sem explicitação e sem cálculo as famílias contemporâneas acabam por fazer tão boas alianças do ponto de vista social quanto as famílias antigas? Por que o amor cego e desinteressado só ameaça a ordem social na literatura?

A continuação do papel econômico dos pais nas famílias contemporânea, para Singly (2007), não implica na mesma significação que antes. Nas famílias antigas as ligações intergeracionais eram evidenciadas no problema da transferência do patrimônio que fixava o valor da linhagem. Com isso, para o autor, a correspondência de dependência mudava de sentido no momento da transmissão: os pais perderam todo o poder; os filhos, por sua vez, poderiam tirar a desforra. Na família contemporânea, as ajudas a esses serviços, não têm esse mesmo objetivo. Sendo assim, para o autor, ainda que os problemas econômicos sejam grandes fundamentalmente precisam recorrer aos serviços da família, aqueles que ajudam e apóiam não devem ter o sentimento de que são explorados e aqueles que ganham, de que são obrigados a recompensar em afeto. Desta forma, o sistema de trocas deve conservar os pais e os filhos e, acima de tudo, não associar os níveis de afeição da relação. Silva, Constantino e Rondini (2012, p. 222) destacam que: “Observa-se que os pais não conseguem equilibrar amor e limites e, apreensivos com a preocupação de traumatizar os filhos, deixam de estabelecer expectativas firmes para que eles amadureçam e se tornem independentes.”.

Na época contemporânea, Singly (2007) destaca que as relações intergeracionais têm uma tonalidade diferente. Os pais ajudam os filhos adultos para mostrar sua afeição,

inscrevendo os vínculos nas práticas, ao mesmo tempo, para lhes permitir que “vivam a sua vida”.

A relação familiar precisa se preservar dos problemas econômicos que passam, para não comprometer suas relações. Sobre sociedades que não dispõem de políticas sociais de apoio Carvalho e Almeida (2003, p. 115) destaca:

Em sociedades que não dispõem de sistema de políticas sociais mais efetivo e abrangente, como o Brasil, as condições de subsistência das famílias são determinadas por seu nível de rendimentos. Associado, fundamentalmente, tanto à renda obtida pelo seu chefe como à existência, ao número e a características de outros parentes inseridos no mercado de trabalho, e que auferem rendimentos adicionais. Por isso mesmo, as mudanças e os fenômenos assinalados vêm tendo claros e fortes impactos sobre a organização e as condições de vida das famílias brasileiras, e que afetam negativamente sua capacidade de atender às necessidades básicas de seus membros e propiciar-lhes efetiva proteção social.

De acordo com Singly (2007), a evidência nas pessoas, nas famílias contemporâneas, combina bem com um movimento de contração em torno de três polos: o de cada um dos dois cônjuges e o de seus pais. Para o autor, o círculo aumenta quando o casal não existe mais enquanto tal (morte ou separação): e as mulheres desacompanhadas, que parecem desempenhar o papel dos filhos.

Assim se anuncia o paradoxo da família contemporânea: a força da regulação afetiva é tal que a sua conformação parece ser obrigatória. Impossível, ao menos oficialmente não amar seu parceiro, seus filhos e seus pais. Em compensação, mais nos afastamos desse círculo, mais a afeição pode se afirmar sem levar em conta a distância objetiva dos laços de parentesco (SINGLY, 2007, p. 120).

Singly (2007) destaca também os encontros intergeracionais, ou seja, a regularidade das visitas dos filhos adultos, casados ou concubinados, aos pais não basta para descrever a realidade. O fato de um dos cônjuges visitarem os pais sozinhos ou acompanhados sucessivamente muda o sentido da visita. Assim como destaca o autor: “Sozinho, o cônjuge está mais voltado para a construção da sua identidade de filho (ou filha); com o cônjuge, ele é muito mais membro de uma unidade conjugal.” (SINGLY, 2007, p.122).

No prolongamento dessas reflexões, podemos pensar que a força dos laços com os pais significa que a primeira identidade (aquela da infância e da juventude) constitui um meio privilegiado para “recolar” os pedaços de uma identidade dispersa em diferentes papéis. Se o espaço conjugal não desempenha essa função, é talvez pelo fato de que, nas famílias populares, a

comunicação de natureza relacional entre os casais é pequena (SINGLY, 2007, p. 123).

É importante para a relação familiar a comunicação, assim como também para o melhor desempenho emocional dos filhos. Nas entrevistas realizadas pelos jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) ao descrever como é sua relação familiar, a maioria dos entrevistados declaram que se sentem bem, podemos perceber na fala de um dos entrevistados:

De noite, como eu fui criado no interior, eu tenho o hábito de pedir a benção né e através dele receber a benção de Deus, e aí eu tenho o hábito de tomou banho pedi a benção, vai sair pedi a benção, chegou em casa pedi a benção tenho até tios meus que fala: rapaz os teus meninos pedem a benção demais faça isso não, mas a gente não perdeu esse hábito. É daí que através de pequeno contato, a gente, eu acredito que eu tenho uma boa relação com eles em intimidade, a gente, uma coisa que eu vejo lá em casa até comparando com amigos, os pais dos meus amigos, aqui a gente tem uma relação muito aberta, minha mãe e com meu pai eu consigo conversar tudo que eu converso com os meus amigos, tudo mesmo, eu consegui, a gente conseguiu fazer isso lá e eu acho muito saudável, porque são pessoas que podem me dar uma opinião é através da vivência dele e acima de tudo me conhece desde pequeno, isso facilita muito a confiança. Só que eu creio que não funciona com todos os pais, porque eu vejo que tem pais que não tem a neutralidade que meus pais têm e isso exige uma certa sapiência da pessoa. E, às vezes, a maioria dos pais querem que a gente tenha a idade deles, eles não entendem o nosso tempo, a nossa idade. (ENTREVISTADO 12)

De acordo com a fala do entrevistado, podemos perceber o quanto é importante o bom diálogo na família e como isso cria laços de afeto dos pais para com os filhos. As entrevistas serão descritas no capítulo três.

De acordo com Singly (2007), os indivíduos exteriorizam de diferentes maneiras a sua crença na autonomia. Eles afirmam que se negam a seguir os velhos hábitos das gerações antigas, que são para o autor, desempenhar os papéis sociais de marido e esposa. Eles desejam se tornar seus próprios agentes. O que, de acordo com o autor, se traduz por um duplo movimento: o de rejeitar a instituição do casamento e o de criticar a divisão do trabalho entre os sexos.

Na esfera da vida familiar, o homem e a mulher querem ser eles mesmos. O casamento não é mais envolvente na proporção em que é concedido como uma possível amarra aos papéis determinados anteriormente. Sendo assim, a concubinação (a união livre, a coabitação) passa a ser entendida como uma forma mais flexível, suscetível de ser adequada aos interesses individuais. Segundo Singly (2007, p. 129), “Quando os cônjuges já não são tão

felizes juntos, eles não acham que devam continuar vivendo conjugalmente em nome de um princípio exterior, em nome de uma instituição, em nome de um princípio moral ou social”.

Para Singly (2007), a história da família contemporânea pode ser dividida em dois períodos. Do século XIX até os anos 1960, averiguamos uma coincidência entre a instituição do casamento e a evidência nas relações interpessoais. O autor descreve três elementos que formam o modelo de referência, até hoje pouco contestado: “o amor no casamento; a divisão estrita do trabalho entre o homem e a mulher; a atenção à criança, à saúde e à sua educação.” (SINGLY, 2007, p. 130).

Na definição que Singly (2007) faz na família contemporânea, o que ele chama de primeira modernidade é o fato de o homem trabalhar fora de casa e com isso ganhar o dinheiro para sustentar a família e a mulher ficar em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos. Esse período da primeira modernidade o autor classifica durante o período de 1918 a 1968. Em meados dos anos 1960, o autor fala da segunda modernidade está relacionado à diminuição da dependência da mulher, ou seja, a mulher não fica mais em casa cuidando só dos afazeres domésticos ela agora também tem um emprego fora de casa. Assim como também a busca pela individualização. Singly (2007, 129) destaca que:

Hoje, as mulheres entram no mercado assalariado através de um patrão que não é seu parceiro. Essa relação – que pode ser equilibrada, de um outro ponto de vista – autoriza a liberação eventual de outra relação, privada, entre os dois cônjuges. Não existe equivalência entre o trabalho profissional de uma mulher assalariada e aquele de uma mulher de artesão ou de agricultor que trabalha na empresa familiar. No primeiro caso, o trabalho aumenta a autonomia relativa da mulher; no segundo, ele “reforça” os laços do casamento, pois, ao se separar do marido, uma agricultora perde, também, o seu trabalho.

Segundo Carvalho e Almeida (2003), a família é relacionada como primordial dos indivíduos, mas também do acolhimento e a socialização de seus participantes, transferência do capital cultural, do capital econômico e da posse do grupo. Desempenhando o modelo tradicional de viver uma instância do indivíduo e sociedade, a família age como ambiente de produção e transmissão de relação e práticas culturais, assim como também organização encarregada pelo organismo existencial de seus participantes, fornecendo e partilhando recursos para o bem-estar de suas necessidades básicas.

Para Singly (2007), o termo “família feliz” é menos encantadora, o que importa é a felicidade de cada uma. Contrariamente a certas utopias de 1968, segundo o autor, ou a certos textos feministas que almejaram destruir a família burguesa e a família patriarcal, a família

não se desfez. Visto que os indivíduos admitem que ela constitua um dos veículos ideais para ser feliz, para a realização de si mesmo. Sendo assim, o autor fala que, o “eu” é mais importante do que o “nós”, mas ele não propõe, bem ao contrário, o desaparecimento do grupo da relação matrimonial. É o que Singly (2007, p. 132) destaca:

A vida conjugal é mais atrativa do que o celibato ou a vida solitária, porque dá a impressão de que não se é somente um personagem público ou um indivíduo que deve viver, sobretudo, segundo a lógica do interesse, das relações de competição que o dominem na esfera do trabalho. O individualismo contemporâneo desestabiliza a família, sem torná-la inútil; a formação do casal é, para cada um dos parceiros, a ocasião do reconhecimento social de uma competência específica, a de poder ser de alguma maneira – independentemente do seu nível de recursos sociais – um ‘homem ou uma dama de companhia’.

Sendo assim, para Singly (2007), a família é formada, no imaginário social, de um universo no qual os indivíduos podem ser mais facilmente eles mesmos, graças ao olhar de seu parceiro. Visto que, pouco importa que não exista uma grande igualdade entre os donos e os contra donos, o que para o autor, o que conta para cada um dos parceiros é o auxílio que recebe dessa vida conjugal para a concepção de sua identidade pessoal. Isso significa que a vida conjugal transfigura assim a identidade dos cônjuges quer eles tenham consciência ou não, e produz o “eu conjugal”.

Singly (2007) fala que essa alternância entre necessidade de laços de interdependência e a negação dessa necessidade gera uma tensão entre os cônjuges no âmbito das famílias contemporâneas. Ainda assim, de acordo com o autor, o pacto assume a forma ideal de um “eu” no seio de um “nós” pouco claro, de um “nós” que só tem valor se relativo às expectativas dos dois “eus” que compõem o grupo conjugal ou doméstico.

Segundo Singly (2007), na família “da segunda modernidade”, o que altera, em relação autonomia, é menos o crescimento dos territórios pessoais de cada um dos cônjuges, do que do que as justificam da existência desses territórios de um lado, e as viabilidades de negociá-los, tendo a ideologia da autonomia como um argumento legítimo, de outro. Sendo assim, o autor fala que as alterações se pautam muito mais nas maneiras como essas práticas autônomas, “separadas”, são elucidadas e requeridas do que nas próprias práticas.

A autonomia é tanto mais aceita quanto menos ela é percebida como tal pelo outro parceiro e a atividade em questão pode ser tanto familiar quanto pessoal: o sucesso da televisão se deve à facilidade desse duplo uso. As donas-de-casa a utilizam de maneira diferente, conforme determinada hora do dia. À noite, elas são, antes de tudo, membros do grupo conjugal e

raramente escolhem o programa a que gostariam de assistir; elas fazem outras coisas paralelas, como passar roupa, por exemplo – elas mostram assim seu distanciamento. Durante as horas em que a casa está vazia, elas ligam a televisão e se dão ao prazer pessoal, esquecendo seu pertencimento ao grupo conjugal (SINGLY, 2007, p. 146).

Visto que, para Singly (2007), as mulheres usufruem o tempo para elas mesmas mais de dia do que à noite, sem que seus parceiros saibam. Na perspectiva do autor, essas batalhas para “territorializar o outro” podem acabar mal: “as cenas de agressividade ou de violência masculina acontecem continuamente por causa de questões e de condenações da mulher quando o homem “chega tarde”, ausentando-se propositalmente além do horário de seu trabalho”. Ainda assim, por não conseguirem prender os seus maridos em casa, as mulheres ameaçam deixá-los, indo embora com os filhos; elas também fazem apelo à ausência, ao abandono. Neste sentido, o autor ainda classifica que o termo “dona-de-casa” era atribuído as mulheres da aristocracia e que depois quando foi utilizado pelas classes populares o termo foi depreciado:

O modelo da mulher dona-de-casa foi criado pelas classes médias, em referência aos lares ostentatórios da aristocracia, para que elas assim tivessem acesso a um estilo de vida aristocrática, através de um dos membros do casal. Logo que as mulheres das classes populares, entre os anos 1930 e 1960, também puderam se tornar “donas-de-casa”, esse valor foi progressivamente depreciado até que se tornou a imagem do que as mulheres modernas das camadas médias querem evitar, principalmente na sua variante ‘popular’ (SINGLY, 2007, p. 140).

Ainda assim, as diferenças dos estatutos masculinos e femininos, marcam o conflito no seio da família. Estando a mulher comumente em estado de dependência. Segundo Singly (2007) nas circunstâncias em que ela não tem uma atividade assalariada, ela só vive pela mediação dos pagamentos que o marido aceita passar para sua família. As donas-de-casa, independentemente da forma como vivem esse estado das coisas, estão precisamente introduzidas nos laços de dependência. Desta forma o autor descreve que:

O trabalho assalariado da mulher transforma, em parte, a natureza dos laços que a unem ao seu parceiro. Ele permite ter a chave da casa. Esse ponto é tanto mais importante quanto o amplo lugar da afeição nas relações conjugais. A abertura de um segundo mercado para as mulheres (além do mercado matrimonial) lhes dá a possibilidade de só viver conjugalmente por motivos amorosos (SINGLY, 2007, p. 151).

As “donas-de-casa autônomas”, contrariamente às “donas-de-casa dominadas”, dispõem de um capital escolar pelo menos igual ao do marido. Sendo assim, a disparidade de capital escolar em favor da mulher facilita à autonomia pelo seu fortalecimento. Segundo a instituição do casamento Singly (2007, p. 154) destaca que:

A instituição do casamento desempenha um papel central na produção da diferença sexual. Ela torna legítima, ela justifica o fato de que a gestão dos recursos sociais e culturais dos homens e das mulheres (e, por antecipação, da própria atribuição) não seja idêntica para os dois sexos. O homem, casado ou não, pode valorizar e dispor do seu capital diretamente no mercado de trabalho; a mulher casada, para obter um rendimento equivalente, necessita da contribuição exclusiva ou complementar do seu parceiro. No âmbito da vida conjugal, se a mulher é dona-de-casa, a valorização do capital feminino é fundamentalmente indireta – pela mediação do seu cônjuge – se ela tem uma atividade profissional, ela é mista – direta e indireta.

Para a mulher é mais difícil buscar sua autonomia, fruto de uma sociedade patriarcal. Houve mudanças, mais ainda há muita desigualdade social para homem e mulher. De acordo com Singly (2007), ainda que a mulher tenha uma atividade assalariada, ela investe menos na sua vida profissional do que o homem, dada a atribuição do trabalho doméstico às mulheres. Visto que, para o autor, as relações entre os sexos na segunda fase da família contemporânea se classificam, assim, por um triplo movimento: uma redução sensível da dependência objetiva da mulher; a conservação dos investimentos profissionais e domésticos diversificados segundo o sexo e um crescimento do sentimento de fugir dos papéis sexuais que surgiram com o compromisso conjugal.

Sobre a relação do emprego doméstico nas classes populares, Carvalho e Almeida (2003, p. 116) assimilam que:

Nas classes populares, o emprego doméstico (ao lado de serviços executados de forma autônoma diretamente para o público) constitui o grande absorvedor da mão-de-obra feminina, indicando tanto a permanência de papéis tradicionais para as mulheres no mercado de trabalho como a precariedade de sua inserção, uma vez que esse tipo de emprego apresenta os menores níveis de formalização do vínculo, jornadas de trabalho irregulares e prolongadas e baixa remuneração.

A certeza na autonomia não apaga nas mulheres solteiras e diplomadas, para Singly (2007), a necessidade de estabelecer laços conjugais, mas torna ainda mais inaceitável uma união que não permite a concepção de sua identidade pessoal e a unificação de suas próprias contradições internas. Carvalho e Almeida (2003, p. 112) destacam que:

O declínio do poder patriarcal e de princípios e controles religiosos e comunitários mais tradicionais traduziram-se em mudanças nas relações de gênero, na ampliação da autonomia dos diversos componentes da família e em um exercício bem mais aberto e livre da sexualidade, dissociada das responsabilidades da reprodução. A presença de mulheres no mercado de trabalho passou a ser crescente, assim como a difusão e a utilização de práticas anticoncepcionais e a fragilização dos laços matrimoniais, com o aumento das separações, dos divórcios e de novos acordos sexuais.

Por mais que estejamos na contemporaneidade às mulheres ainda assim, sofrem por preconceito e na maioria das vezes, precisam calar. Como destaca Rondon (2016, p. 79): “A retração surge como estratégia de manutenção do ideário de família feliz e sem conflitos, visto que na construção social do gênero foi ensinado às crianças e às mulheres a calar.”.

Segundo Carvalho e Almeida (2003), o desemprego e os baixos níveis de pagamento dificultam essa igualdade sexual de tarefa, com isso o propósito da mulher em ter melhores condições de vida baseado na relação matrimonial é fracassado, pois, enquanto o homem é incapaz de realizar o seu papel, sente-se arruinado, na maioria das vezes indo pelo caminho do alcoolismo e/ou abandonando as pessoas da sua relação familiar.

A instabilidade conjugal – consequência da aplicação dos ideais individuais na esfera privada e da força na crença do amor – tem efeitos desiguais conforme os sexos. A vida conjugal altera muito mais o investimento profissional dos capitais sociais e culturais das mulheres do que o benefício das riquezas masculinas (como vimos anteriormente). Essa desigualdade é freqüentemente pelo efeito da divisão dos rendimentos entre os cônjuges, pelo acesso das mulheres a um nível ou a um estilo de vida equivalente ao do seu parceiro. É no momento da separação que se paga o custo da vida conjugal, que uma relativa desvalorização se torna perceptível (SINGLY, 2007, p. 162).

Sendo assim, de acordo com Singly (2007), o divórcio gera um empobrecimento para a maioria das mulheres. Desse modo, para as mulheres separadas, a alteração de estatuto conjugal leva a uma deterioração do estatuto da moradia que é um indicador do nível de vida. Visto que para o autor, os homens ficam mais independentes, para eles o divórcio tem um custo econômico menor. “O ideal do homem ou da mulher moderna não é a “nudez” social, mas o movimento de, eventualmente, se despir das roupagens sociais que se pressupõe que possuam.” (SINGLY, 2007, p. 177).

De acordo com Rondon (2016), o segredo concebe e proporciona a criação de um mundo semelhante ao mundo manifesto, estando, pois, este motivado por aquele. Portanto, comportamentos são dissimulados socialmente de modo a camuflar o segredo, deixando

velado, em razão de que tais comportamentos não são conciliáveis com o comportamento socialmente aprovado.

O significado sociológico do segredo está em sua manifestação, por isso, a tensão constante entre mantê-lo a sete chaves e a consciência que ele poderá ser revelado, caso estratégias e recursos de manutenção não sejam suficientemente poderosas para secretá-los (RONDON, 2016, p. 99).

O segredo constitui como uma das formas de violência familiar. A mulher se cala na maioria das vezes porque ainda diante de uma sociedade machista e patriarcal ela se vê em “desvantagens” sociais. Visto que o amparo pelo Estado ainda é muito escasso e devido às desvantagens de oportunidades de mercado de trabalho, e também por não colocar em risco a vida dos filhos, falo em risco em nível de condições financeiras e de moradia, as mulheres na maioria das vezes tendem a se calar. Segundo Duarte e Oliveira (2012, p. 224) “A violência doméstica sobre mulheres não deve, contudo, para um cada vez maior número de autores/as, ser analisada tendo em conta somente a categoria gênero, nem a luta contra o patriarcado.”.

A violência familiar ela pode ser: física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Ela é praticada tanto pelos parentes consangüíneos como também pelo companheiro, namorado ou ex-companheiro.

De acordo com Costa (2011) no Brasil, a violência faz parte da história e do cotidiano dos cidadãos, principalmente dos grupos que são politicamente desprivilegiados, assim como as mulheres, crianças, jovens, idosos, trabalhadores rurais, homossexuais, grupos étnicos. A violência, segundo o autor, vem ganhando destaque nas últimas décadas, referente ao aumento do crescimento da mortalidade por homicídios e da criminalidade, sobretudo nas áreas urbanas. Esse crescimento da violência atinge, sobretudo as relações familiares.

O debate teórico sobre a família contemporânea que Singly (2007) destaca, está relacionado às duas divisões que ele faz da família de acordo com o que é caracterizado como modernidade e anterior a modernidade e as consequências que acarretam nas relações familiares, tendo em vista que o indivíduo moderno busca acima de tudo sua individualização.

Sendo assim, a partir dessa percepção sobre família será relatado no próximo capítulo à percepção dos jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) sobre família.

4 A PERCEPÇÃO DOS JOVENS DAS EQUIPES DE JOVENS DE NOSSA SENHORA (EJNS) SOBRE FAMÍLIA

A tabela a seguir destaca o perfil dos entrevistados, divididos entre seis homens e seis mulheres, sendo metade das entrevistas constituídas de novatos e metade de veteranos no movimento.

Tabela 1: Participantes das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS)

	HOMEM NOVATO	HOMEM VETERANO	MULHER NOVATA	MULHER VATERANA
IDADE	Entre 23 a 29 anos	Entre 24 a 26 anos	Entre 22 a 27 anos	Entre 26 a 31 anos
ESCOLARIDADE	Os três têm superior completo	(2)superior completo (1)superior incompleto	(2) superior incompleto (1)superior completo	(1)Pós-Graduação/ (2)superior completo
PROFISSÃO	(1)cirurgião dentista (1) educador físico (1) gerente de restaurante	(1) desempregado (2) estudantes	(1)cabelereira (1)enfermeira (1)estudante	(1)advogada (1) médica (1)assistente financeiro

Fonte: dados obtidos na pesquisa.

De acordo com Singly (2007), os componentes das relações familiares da modernidade possuem uma singularidade superior das famílias existentes anteriormente. Sendo que, esses desacordos individuais se sobressaem, se firmam, e, como elas são o interior da personalidade individual, esta vai inevitavelmente se desenvolvendo. Para o autor, cada um desenvolve uma fisionomia própria, seu modo pessoal de sentir e pensar.

Quando questionados sobre qual a importância da família, a maioria respondeu que é tudo, é a base, é onde se aprende a ter valores cristãos, morais. Outros falaram que a família é fundamental. Outra falou que é onde se tem o primeiro contato com a sociedade, e que com isso se leva pra o resto da vida.

Eu acho que a família é a base, que é o primeiro contato que você tem em relação à sociedade. Então, tudo, acho. Tudo não, mais a grande parte do que você vai ser, do que você aprende é da sua família, porque é o primeiro contato que o ser humano tem né, assim, com o outro no caso, então muita

coisa que você aprende e passa na sua infância eu acho que é o que você vai levar pra o resto da vida assim. (ENTREVISTADA 10).

Outro destacou que:

A família ela do ponto de vista da Igreja do Movimento, ela é o centro a célula base, né. Não existe Igreja sem família. Então, não compensa pensar a continuidade da religião católica sem pensar a família. E do ponto de vista sociedade também, ela é um ponto de difusor dos valores, das tradições, dos costumes de tudo que faz o homem. (ENTREVISTADO 1).

Nas Reuniões Formais das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS), na vivência do Plano Pessoal de Vida (PPV) um dos pontos é a relação familiar do esquipista, e como ele pode melhorá-la. Ou seja, ajudar nos afazeres domésticos, ser mais compreensivo. Para o equipista a sua boa relação familiar pode ser um sinal da presença de Deus, dando testemunho do Próprio Cristo. O movimento torna-se assim um instrumento que ajuda os jovens na conversão diária, contribuindo em uma melhor relação familiar.

Para Singly (2007), no decorrer do século XX, a família torna-se um espaço no qual os indivíduos confiam que estão seguros em sua individualidade, em outro órgão, ou seja, o Estado que controla e regula as relações dos que pertencem à família.

Quando foram questionados como se sentem em casa, a maioria respondeu que bem, seguro, mesmo com o pouco tempo que a maioria tem em casa devido ao trabalho e aos estudos. Outro entrevistado relatou que, mesmo passando pouco tempo em casa, devido ao tempo que passa no trabalho, faz de tudo para otimizar o tempo com o pai quando chega em casa, tentando se colocar na situação de pai quando um dia for.

Acho que participava assim, a gente tem muita essa, por exemplo, é a gente sempre tem isso de almoçar junto, sempre tem esse contato, assim, se eu assistir televisão a vai assistir todo mundo televisão no mesmo quarto, então acho que tem essa participação, é. Por exemplo, meus pais também sempre foram muito presentes, assim, sempre quando tinha alguma coisa na escola eles iam, essas coisas, dias dos pais, dias das mães, sempre estavam presentes. Meu irmão também gosta muito de jogar, então a gente sempre vai até hoje, hoje ele tem vinte e nove anos e até hoje quando ele tem um jogo assim de tênis, de futebol eu vou, meu pai e minha mãe vão entender? Então é uma coisa assim bem participativa a gente tem desde criança. (ENTREVISTADA 10).

Como o ambiente de casa é só pra dormir né, eu saí de casa de manhã e só chego de noite eu fico com essa parte da falta que eu lhe digo aí termina preenchendo o horário com os movimentos da missa, aí tem os amigos, tem a namorada aí quando vai pra casa vai pouco. Mais, o momento que eu

consigo deslocar eu me esforço pra tá lá. É até um hábito recente que eu estou fazendo que eu percebi, que quando a gente cresce a gente tira aquela visão de herói dos pais da gente, pelo fato da gente conhecer os defeitos e é muito difícil você ter um herói que você sabe que tem defeitos só que os pais da gente sente falta disso, da gente ver ele como um herói, caramba como o melhor homem do mundo né. E aí eu fiz um “habitosinho”, chega da missa lá em casa às sete horas, da noite aí eles já tinham jantado, aí eu jantava ia assistir televisão no quarto dele lá aí terminava adormecendo no quarto dele mesmo eu já sendo grande, mas eu vi que isso fazia ele se comportar da seguinte forma, é meu filho cresceu mais ele precisa de mim, tipo assim, ele ainda dorme no meu quarto entendeu, foi uma atitude que eu tomei pra fazer meu pai se sentir como o meu pai, ele não achar que eu só olho pra ele como o completo entendeu, aí eu tomei esse hábito. E até conversei com alguns amigos pra fazer porque eu já me imagino, já me imaginei como pai porque provavelmente vou estar na mesma situação, é normal por conta da convivência a gente conhecer os defeitos, os maiores artistas que a gente acha é que artista porque a gente não convive com eles, pode ver todo artista local pra gente, pra gente não é artista porque a gente conhece a rotina deles e sabem dos erros deles então eles deixam de ser artistas e eu conversei com alguns amigos pra eles poderem também vangloriar um pouco os pais porque eu acho que é essencial isso para os psicológicos deles que influencia no da gente desde que a gente considere que eles são estrelas pra nossa vida. (ENTREVISTADO 12).

Podemos perceber na fala dos entrevistados que a família é onde eles se sentem bem, seguros, mesmo diante dos desafios do dia a dia, da falta de tempo em poder estar mais em casa, ainda assim, tentam fazer o possível para se relacionar melhor com os familiares, onde possam ficar mais unidos. Sobre a falta de tempo dos jovens de ficar com a família devido a ter que trabalhar, Sposito (1993, 164) declara:

Em casos como o brasileiro, é preciso considerar que as esferas de socialização advindas do mundo do trabalho cedo penetram e podem influenciar a condição do jovem e interferir tanto na dinâmica familiar como no padrão de interação que ele mantém com o mundo escolar.

Diante do que Singly (2007) destaca sobre a relação familiar na contemporaneidade, em que os indivíduos buscam sua autonomia, sua individualização, podemos perceber na fala dos entrevistados que mesmo assim, eles buscam ter relações familiares, onde se estabelece uma maior aproximação dos papéis familiares. Segundo Melo e Assis (2014, p. 153): “Nas sociedades contemporâneas, o consumo e os modos de execução das formas de apropriação dos bens classificam e qualificam a posição social dos indivíduos no espaço social.”

Segundo Xavier (2011), quanto mais uma sociedade for mais individualizada e alicerçada pelos valores religiosos, ela favorece o distanciamento da autoridade dos pais e encobre o limite entre o que é permitido e o proibido. Assim, como em épocas de temor e

dúvidas quando as regras de comportamento se tornam menos rígidas, a violência pode ser percebida por alguns como um modo de formalizar uma identidade por demais falível e indefinida. Rizzini e Limongi (2016, p. 7) destacam que:

A violência urbana é um problema social complexo que afeta os cidadãos em diferentes países. Em cada situação concreta de violência é possível perceber que existe uma rede intrincada de fatores que envolvem aspectos micro e macrossociais, bem como perspectivas da subjetividade dos atores sociais envolvidos.

Para Xavier (2011) o que tem em comum entre uma violência e outra, são sua finalidade e natureza. Visto que para existir uma violência deve ser designada. Não é somente uma coerção de uma ação, mas uma pulsão impulsionada pelo ódio, pelo sentimento de vingança que busca se concretizar. Ou seja, a violência é essa passagem do ato concreto da dor. A violência é definida também pela intenção da vontade do outro. Porto, descreve que (2015, p. 8):

O fato de, até há pouco tempo, a violência não ter sido nomeada como tal: manifestações violentas eram assumidas como formas rotineiras de regulamentação das relações sociais; eram, além do mais, consideradas, algumas delas, como fenômenos de caráter privado, não sujeito ao controle público, a exemplo de manifestações de violência ocorridas no âmbito doméstico. Contexto que retardou, por assim dizer, a possibilidade de inserir a violência no rol das categorias explicativas da realidade: o fenômeno não estava, todavia construído como objeto de investigação; a sociedade não se espelhava a partir de categorias como a violência; a violência não era nomeada como tal, dificultando sua constituição como objeto sociológico.

As formas de violência podem ser tanto físicas, quanto emocional, sexual, moral, psicológica. O que traz graves consequências na vida de quem sofre. Quando foi perguntado na entrevista aos jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) sobre o que para eles é violência familiar todos eles concordaram que não é só violência física, mas, sobretudo a emocional também. E uma das entrevistadas descreve sobre o trauma que adquiriu na convivência com a violência familiar.

Ah eu acho que, eu convivi um pouquinho questão de violência, mas acho que era na relação do meu pai da minha mãe, mas eu acho que foi uma época muito conturbada meu pai era muito mulherengo, mas eu acho questão de agressão, agressão mesmo eu nunca vi física, mas agressão de palavras pra mim é muito forte, é uma agressão meio que traumatiza. Se eu vejo uma pessoa falando alto eu tenho esse trauma, eu já acho que vai haver violência, então eu não suporto, não que eu não respeite, mas eu não suporto quando a

pessoa fala muito alto, quando a pessoa grita pra expor alguma ideia, aí isso já me deixa. Antigamente, quando eu era mais nova, se eu visse algum casal gritando eu começava a chorar, a me tremer, hoje não, mas é uma coisa que ainda fere mais em mim, um casal gritando, um homem gritando com a esposa, isso me deixa, me deixa impotente, me deixa nervosa, me afasto imediatamente. (ENTREVISTADA 2).

De acordo com Xavier (2011), a pior das violências simbólicas é a forma de naturalização do ato que legitima a ordem social injusta. Também temos a violência passional, que se caracteriza como uma forma de exprimir o sentimento de raiva seja ela, coletiva ou individual, cólera ou frustração. Singly (2007, p. 77) destaca que:

Uma pesquisa que cruzou os dados das doenças declaradas pelos adultos, ao longo de um ano, com seu passado familiar mostrou que o contexto familiar “tenso” – evocado pelas lembranças das graves disputas ou desentendimentos entre os pais – é um fator associado ao estado de saúde na idade adulta.

Segundo o relato da entrevista podemos perceber o quão grave é uma violência familiar na vida dos filhos, e o quanto podem ter conseqüências ao longo de toda a vida, acarretando com isso traumas, bloqueios, afetando até mesmo as relações sociais.

Para Singly (2007) Na situação contemporânea, certa disfunção das relações afetivas na relação do casal condiciona condições um pouco positivas para a socialização das jovens gerações. Sendo assim, contrariamente às representações psicológicas que conferem esse resultado ao divórcio, à separação conjugal, é o elemento que deve ser o motivo mais determinante, visto que nas famílias contemporâneas a permanência do grupo familiar é evidentemente menos valorizada do que a qualidade das associações interpessoais.

Quando perguntados se já sofreram algum tipo de violência e como foi, a maioria falou que não, mesmo alguns se referindo da relação com o pai fosse rígido, ou até mesmo com reclamações. Mas mesmo os que citaram o pai rígido não percebem que seja uma violência, e sim uma forma de correção pensando no bem para o filho. É o que Xavier (2011), caracteriza como formas de violência simbólica e naturalização da violência. Sendo que um dos entrevistados se refere à violência pela herança familiar.

Eu acredito que não, dentro de casa nunca, por mais rígido que fosse o tratamento do meu pai principalmente, mais é em termos de violência nunca me senti assim, nunca fui obrigado a fazer nada meus pais sempre me deram apoio nas escolhas que eu faço, claro que quando eles percebem quando estou indo por um caminho errado eles vão lá e me orientam, mais nas coisas

da vida e que eles percebem que é são coisas boas pra mim eles sempre me apóiam. (ENTREVISTADO 9)

Bom... É., o meu crescimento ele não teve essa violência de forma sistemática tá entendendo? Mas, pela herança familiar, meu que tinha violência física de bater nos filhos para educar, mas essa violência sistemática de uns anos pra cá, e, além disso, tipo conhece uns pouquíssimos espaços de argumentação, pouquíssimo espaço de expor sua vontade. Quando era criança nos últimos dez anos isso foi mudando muito inclusive com minha irmã e tudo, a família evoluiu, não só na forma de proceder, mas eu digo principalmente nesse recenseamento de vontades, por eu ser mais pacífico nessas coisas acabou que eu não tinha liberdade, mas também eu nem insistia nem brigava tanto, tá entendendo? É aí a forma de recenseamento foi diferente, se eu tivesse sido aquelas crianças que insisto eu tinha me lascado, tá entendendo? (ENTREVISTADO 1).

Sobre a relação de pai para com o filho Singly (2007), destaca que uma pesquisa que interligou os dados das doenças reveladas pelos adultos, no decorrer de um ano, com seu passado familiar descobriu que o contexto familiar tenso, invocado pelas lembranças das graves competições ou desentendimentos entre os pais, é um fator agregado ao estado de saúde na idade adulta.

E quando foram perguntados quem são os atores da violência familiar e como eles atuam como a maioria tinha respondido que não sofria de violência familiar, mas teve um entrevistado que respondeu que todas as pessoas da família podem ser um agente da violência.

Acho que todas as pessoas da família podem ser um possível agente dessa violência familiar, tanto um pai, uma mãe, um irmão. Mas acho que também o inverso de um filho que seja muito rebelde, muito revoltado ele também pode terminar agredindo um pai. Até recentemente teve um caso que a menina que já é grande, mas ela que tá agredindo a mãe dela que tá debilitada e tal, com agressão física e verbal, a pessoa já é aposentada. (ENTREVISTADO 3).

Segundo Costa (2011), por ter vários significados, a noção de violência envolve uma série de comportamentos sociais cujas explicitações repousam em variadas causas, o que implica que os estudos sobre o acontecimento considerem os diferentes tipos de conflitos sociais e as condições de geri-las.

Quando questionados sobre violência e religião, alguns responderam que a religião ajuda a superar a dor de uma violência, outros que não concordam em violência e religião, pois religião prega a paz e a não violência, outros que a própria religião é motivo de violência principalmente no Oriente Médio. De acordo com o relato da entrevistada 2, podemos

perceber que para ela não justifica por causa da religião, da crença, aceitar uma violência cometida.

É, é complicado. Eu não aceito, eu não aceito uma pessoa ser agredida e ficar calada porque tem de sofrer ou porque tem de na saúde e na tristeza, principalmente no casamento, eu não aceito. Eu não consigo enxergar onde que entra o amor aí entendeu. Eu não admito é eu não vejo felicidade é, ah porque é minha cruz. Eu sei que cada um tem suas cruces diárias, mas será que realmente nós somos feitos para sofrer todos os dias agressões, seja física, seja psicológica e por causa da religião se manter nisso porque é uma crença? Eu não sei se esse tipo de religião aprisiona ou condiciona uma situação dessas? Porque pra mim religião por si só ela não tem sentido né, então pra mim eu não aceito quando casa quando a religião, não é que seja a religião, mas quando a pessoa pega a religião e não, e então aquilo como uma desculpa pra poder continuar vivendo aquilo ali, como uma camuflagem eu não aceito, eu não concordo. (ENTREVISTADA 2).

De acordo com Mariz (2005), pela agilidade das normas sociais e mais ultimamente ao desenvolvimento tecnológico, a sociedade moderna tem se distinguido das sociedades que as antecederam por oferecer aos indivíduos a viabilidade de negarem os status, como classe, religião, estado civil, profissão, renda entre outros, que lhes foram conferidos por critérios alheios à sua vontade. Sendo assim, para o autor, essas posições, que em sociedades pré-modernas eram estabelecidas pela tradição ou pelo coletivo, passam a ser, cada vez mais, elucidadas como escolhas individuais.

Em outra resposta percebemos que a entrevistada relaciona a religião também para ajudar na dor de uma violência.

Eu acredito que quando você sofre é a religião tenta assim, depende também do ponto de vista de cada um né, mas acredito que a religião ela lhe acolhe de certa forma, ela lhe posiciona, ela lhe direciona, sabe. Então alivia mais a sua dor porque Jesus foi tão amável, tão assim, se colocava tanto no lugar dos outros que dessa forma, acolhido, amado, protegido por um Pai que é tão amoroso né. Eu acho que a questão da religião é isso. (ENTREVISTADA 5)

E outra resposta fala que se fosse posto em prática realmente o que prega a religião não haveria violência.

Rapaz, ultimamente de eu ter esse conhecimento, acho que vai fazer uns dois anos que eu tô envolvido, atuante assim na nossa religião católica, e cada vez mais eu tenho percebido que se a gente seguisse como a nossa religião, a doutrina é pedida, muitas coisas não aconteceriam, muitas coisas. E principalmente essa parte da violência. Se as pessoas seguissem a risca como a gente deveria viver, de início esse problema dessa tua tese nem existiria de

violência familiar acredito eu, se realmente fosse vivido plenamente desde a base aos filhos a toda subsequência familiar, mas eu acho que facilitaria não existir essa pauta. (ENTREVISTADO 12).

Segundo Coutinho (2012), a espiritualidade constitui-se numa relação pessoal, individual com o sagrado em si ou fora de si, intrínseco ou transcendente, ao passo que na religião a associação ao sagrado se realiza por ações institucionalizadas. Na espiritualidade subjetiva, o indivíduo tenta se aprofundar e a se conhecer melhor. O autor ainda fala que: “O sagrado não se consegue reificar, concretizar, pela impossibilidade de assegurar a sua existência terrena. Para uns o sagrado é real, para outros é construção humana.” (COUTINHO, 2012, p. 176).

As práticas religiosas caracterizam a relação homem com o sagrado, envolvendo ritos, rituais, orações entre outros. Tem casas que se colocam um altar para os objetos sagrados, tem toda uma preparação do ambiente.

Sendo assim, essa busca pela vida espiritual, ela tende a desenvolver no indivíduo um conhecimento mais profundo de si mesmo. Sobre a subjetividade juvenil Mariz (2005, 257), destaca:

A subjetividade juvenil é concebida como oposição aos padrões burocráticos e mercantis característicos da era moderna. Guiados pela lógica da natureza, do sentimento e da dádiva desinteressada, os jovens caracterizar-se-iam por uma índole e uma subjetividade próprias, que os aproximariam de valores comunitários presentes nas diferentes religiões, mas também de ideologias políticas que se opõem à sociedade capitalista moderna. Nesse sentido, o jovem é concebido como alguém mais propenso a atitudes heróicas e a virtuosismos religiosos, que busca a santidade e também a revolução, e que morreria por uma causa. No entanto, seria visto também, por isso, como menos racional e menos crítico. O espírito crítico (não no sentido de oposição, mas de análise racional) e o conhecimento prático seriam virtudes da maturidade.

De acordo com Sposito (1993), a sequência de saída do mundo da infância acontece na interação incessante com um conjunto de agências socializadoras incumbidas de preparar os imaturos para o desempenho pleno da vida adulta.

Ao serem questionados sobre o que levam as pessoas a cometerem violência familiar, alguns responderam que é a falta de amor, falta de Deus. Outros relacionaram ao fato de estar reproduzindo uma violência que recebeu, e que essa violência passa de gerações para gerações até haver o conflito de gerações.

Eu não sei se seria a falta de amor né, porque tem gente que diz que bater por amor né, ou agredi por amor. Caramba é muito forte essa pergunta. Acho que é essa questão da hereditariedade familiar que acho que influi muito e a questão da pessoa se trabalhar como ser humano né que não adianta é às vezes a pessoa conviver, às vezes até numa Igreja, mas ser um monstro por dentro né, é que existem muitas pessoas, é que a gente está falando da questão da violência e da religião, existe muita pessoas que estão na Igreja e são extremamente cruéis né, então pode ter muitas pessoas que aparentemente é são humanas, mas dentro da família virão um monstro né. São humanas dentro da sociedade, mas dentro da Igreja vira um monstro dentro daquela célula, mas realmente eu não sei, não faço a mínima idéia. Eu aposto que seja a questão da criação é dos avôs, das bisavós, tataravós, por exemplo, a minha mãe ela fala muito que ela apanhava sem saber por que é ela não chorava porque ela não sabia por que estava apanhando, e a mãe dela espancava, era espancamento e depois ela obrigava a pedir a bênção né, eu acho isso inadmissível, então vai se entendeu o que se passa na cabeça de uma pessoa dessas? O que ela passou com os pais não é? Então é como se fossem bichos né sendo tratado e vai passando de geração em geração até haver o conflito de gerações dentro da própria família aí pode desencadear em uma coisa pior. (ENTREVISTADA 2).

De acordo com Xavier (2011), ao fazer com que reviva o medo, esse companheiro de sempre do gênero humano, a violência leva o homem de volta a sua condição original, a seus instintos primários; ela favorece assim um recuo civilizacional assustador e, por vezes, revelador da alma humana.

O medo é um catalisador da inércia, do enfrentamento da realidade. A paralisia posta pela quebra do ideário, da figura masculina, seja esta representada pelo pai e padrasto, a mudança de papel de protetor para agressor, promove uma confusão na vítima e um deslocamento da realidade e fantasia para um outro plano que implica num silenciamento (RONDON, 2016, p. 139).

O medo também pode estar relacionado também a não confiança no outro, o outro se revela como uma ameaça, como destaca Koury (2011, p. 477): “A cultura do medo constrói assim, uma barreira invisível que separa as pessoas e as isola, fazendo-as temer a tudo e a todos e nunca confiar no outro.”.

Por mais que essas formas de comportamento violento se deem também nas relações familiares, assim como também na faixa etária da juventude, o reflexo se dá por toda a vida. Sendo a juventude como uma fase de transição da infância para a idade adulta, isso já trás em si algumas angustias e incertezas devido ao futuro, a carreira profissional.

A definição do ser jovem está ligada aos contextos de ordem cultural, social, político e econômico de cada sociedade. Visto que, muitos jovens, na sociedade brasileira, são descartados do processo de obtenção de competências necessárias à entrada no mercado de

trabalho. A referência de inclusão social passa constantemente, na sociedade contemporânea, pela educação e trabalho. Freitas e Papa (2008, p. 25) destacam a condição de ser jovem:

Em consequência, pode-se afirmar que a nova condição juvenil se constrói sobre o pano de fundo da crise das instituições tradicionalmente consagradas à transmissão de uma cultura adulta hegemônica, cujo prestígio tem se debilitado pelo não-cumprimento de suas promessas e pela de sua eficácia simbólica como ordenadora da sociedade.

A percepção de juventude hoje indica características muito particulares, que podemos agregar à condição pós-moderna. Sendo assim, é que para muitos jovens, assinalados pelo pensamento liberal, o presente é o que importa. O futuro vai sendo tecido dia após dia, sem altos planos ou objetivos de longo prazo de vida. Como indivíduos emancipados e livres, suas ações aparentam ser determinadas apenas tendo como objetivo maior a maximização de um estado de prazer.

De acordo com Gonçalves (2005), o amparo da família é fundamental para ampliar a chance de realizar os projetos de vida, é aproximadamente o último refúgio de seus sonhos. É um apoio que se transpassa na presença, na conversa, no acompanhamento de suas vidas e ser companheiros nos momentos difíceis da vida, assim como também na fase da vida em que se é dependente financeiramente não podendo se sustentar.

Quando perguntados sobre o diálogo em casa e como se dá esse diálogo todos falaram que sim, que dialogam em casa, sendo que uma parte respondeu que conversa abertamente sobre todos os assuntos, outros que conversam, mas, devido aos afazeres tanto de estudos quanto de trabalho, são só nos finais de semana que se dão mais esses diálogos, outros ainda que percebem melhora nas conversas com a família, assim como também teve os que mesmo tendo diálogo sentem dificuldade em ter uma conversa aberta.

A gente tem um hábito sempre de almoçar e jantar junto, meu pai tava viajando eu sabia que ele tava chegando de viagem, a gente parava, esperava ele chegar pra poder jantar, a gente só começava a jantar com o meu pai aí a gente aproveitava esse momento para conversar, mas recentemente eu tenho percebido que por os filhos terem crescidos e terem gerado opiniões e como são pessoas fortes e tudo, meu pai ele criou gladiadores, pessoas opiniosas e às vezes é difícil a comunicação porque cada um tem um perfil, eu graças a Deus eu botei na minha cabeça recentemente que não vou obrigar as pessoas a pensar como a mim, então a pessoa pode ter a sua opinião e ficar calado, só que lá não, lá em casa fica um querendo impor a opinião ao outro, e as vezes desgasta um pouco essa comunicação, meu pai até já relatou algumas vezes “não eu vou deixar de conversar com vocês”. Então a comunicação nos dias atuais na minha família está difícil por causa disso, por conta da muita personalidade existente, mas a gente tenta e quando a gente percebeu isso a

gente tenta vistoriar um pouco assim as conversas pra poder fluir mais a gente sempre tenta manter é eu particularmente com a minha mãe e eu fico feliz em saber que ela e quando eu estou conversando com a minha mãe meu pai está sabendo na mesma hora e aí eu particularmente converso muito com a minha mãe e ela é ciente disso, do que eu passo e ela também se confessa comigo e eu sou ciente do que ela tá passando atualmente, e através disso meu pai sabe, agora com os meus irmãos às vezes até eu estou conversando uma coisa com eles e caramba eu já conversei isso com uns dez amigos mais eu nunca tinha conversado isso com o meu irmão, expressar uma opinião de um pensamento meu sabe, às vezes a gente tem muita convivência mais por conta de muita convivência física a gente não envolve muito o psicológico através de conversa né. (ENTREVISTADO 12)

Segundo Sposito (1993), é na juventude onde os laços com a família pendem a se fazer mais difusos ao lado de uma interposição mais forte em outras instituições que pode na maioria das vezes, ressoarmos no próprio padrão socializador desenvolvido pelo grupo familiar de origem. A família é onde costuma se dá a primeira socialização, onde o indivíduo tem os primeiros contatos com os valores sociais. Gonçalves (2005, p. 216) destaca que: “Na ausência da intermediação do Estado, a família arca com a responsabilidade de transmitir os valores sem os quais uma sociedade não pode ser entendida como tal.”.

Questionados sobre o que é preciso para as famílias conviverem mais harmoniosamente, alguns responderam que é a falta de Deus, colocar Deus em primeiro lugar na família. Outros que é o diálogo, em muitas famílias faltam o diálogo e que isso é um dos fatores que podem desencadear em violência. Assim como também saber aceitar as diferenças.

Deus, saber o lugar dele, e parar as famílias que não crêem nisso, um reconhecimento do próprio. Porque tecnicamente você não vai tratar o outro da forma tão vazia, você vai respeitar a liberdade do outro, você vai respeitar a pessoa do outro. Então, se for à melhor opção é sempre Deus, Ele realmente é completo, na ausência na fé Dele é que não exclui a ação Dele, é a ética mesmo de você reconhecer no outro um ser humano que é tão digno quanto você. Por que se você parasse pra pensar até em uma legítima defesa o menino vai matar ele então perai, então eu considere a minha vida mais importante que a dele, então se é por legítima defesa, imagina se for uma violência gratuita? (ENTREVISTADO 1).

Precisa o amor, o amar a si próprio pra poder amar o outro. Porque a gente só consegue dar amor se a gente é amado, se a gente conseguir se amar se sentir amado e aí a gente consegue dar amor. E quando você sabe o sentido do amor, você quer o bem pra você e o bem para o outro, então se você quer o bem pra o outro você não vai fazer nada que prejudique. Eu acho que esse amor começa na família, que na família você tem laços sanguíneos que por natureza você já nasce sabendo que tem que amar, e acho que esse cultivo desse amor que vai trazer o diálogo e conseqüentemente a não violência. (ENTREVISTADA 6).

Assim como também a consciência do papel da mãe e do pai.

Eu acho que mais a consciência do que é Deus, eu acho que a questão do papel de Cristo, o papel do que o pai. O saber do que é pai e do que é mãe sabe. Eu acho que é isso que falta para terem famílias estruturadas, eles conhecerem realmente a essência do amor e criar isso dentro da casa, dentro do âmbito familiar. Se não tiver, família nenhuma se estrutura. Uma família perdida eu acho isso. (ENTREVISTADA 5).

Sendo assim, para alguns dos entrevistados, Deus se torna um dos fatores para as famílias conviverem mais harmoniosamente. Pois, a intimidade com Deus ajuda a pessoa a respeitar o outro, reconhecendo com isso a dignidade do outro também. Assim como também outra entrevistada fala do amor, visto que se a pessoa quer o bem do outro então não vai fazer nada de mal para essa pessoa, e esse amor começa na própria família.

Para Singly (2007) mesmo as famílias modernas buscarem a sua individualização dos papeis, e as relações terem sido modificadas devido principalmente à inserção do mercado de trabalho das mulheres, mas é na família que o individuo sente seguros. Pois para o autor o que importa é a felicidade de cada um, e não apenas a família feliz.

Desta forma, Singly destaca que a família contemporânea busca a sua individualização, paralelamente temos a percepção de família instituição dos jovens das EJNS que em meio a toda essa realidade dos valores individuais buscam o resgate da família tradicional.

Assim como também de acordo com o que foi analisado sobre a percepção dos jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) sobre a família, podemos perceber que de acordo com algumas respostas nas entrevistas, a família é um ponto difusor de valores, e que se levará para toda vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar a percepção dos jovens das Equipes de Jovens de Nossa Senhora (EJNS) sobre a família. A partir da análise sociológica sobre a família contemporânea e sua busca pela individualização enfatizada por Singly. Não é que o indivíduo não queira constituir uma relação familiar, mas como no seio da família os papéis desempenhados possam ter sua individualidade. Assim como também declara a dimensão relacional presente na sucessão constitutiva da identidade pessoal dos indivíduos, no sentido que os outros significativos são, em geral e preferencialmente, o parceiro ou o cônjuge para a mulher ou para o homem, os pais para os filhos e mutuamente.

Desta forma, podemos perceber que as Equipes Jovens de Nossa Senhora (EJNS) estão relacionadas aos valores tradicionais, alicerçados na concepção de religião e que há uma dualidade trazida pelo conceito de Singly (2007) sobre família contemporânea, onde se valoriza a individualidade.

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou uma análise empírica que demonstrou que a vivência de uma vida religiosa contribui na formação do indivíduo e assim ajuda na superação de suas angustias, medos, como também na superação de uma violência familiar.

Xavier (2011) classifica a violência em três ordens: a busca do benefício proveniente da violência; o prazer que o ato brutal e muitas vezes ilícito pode engendrar; o aumento da autoestima proporcionado pelo ato violento que às vezes pode se assemelhar a um ato corajoso. O que, para ele, também a violência pode ser vista como uma melhor condição de aceitação social, visto como prestígio da pessoa ou do grupo. A violência de Estado se relaciona na primeira violência, a segunda ao contrário é dirigida contra o Estado. A terceira, enfim, refere-se às violências interindividuais, concernentes ao Estado apenas na medida em que se liga a sua obrigação de manter a ordem pública, mas que de modo algum o tem como alvo.

De acordo os relatos da entrevistas sobre a violência e a violência familiar percebeu-se que para alguns dos entrevistados que há uma naturalização da violência, não considerando tal ato como violento e sim como uma correção do pai para com o filho visando dessa forma o bem do filho.

A violência é visto como explicação do cerne da vida em comum, sendo ela política ou social. Sendo assim, ninguém nasce violento, torna-se. O que para isso é necessário todo um contexto em que sobressaiam seus estímulos, dando sustentação para tal ato.

Em uma das perguntas sobre violência e religião uma das entrevistadas respondeu que não concorda só porque a religião fala que o casamento é para vida toda, ou seja, na saúde e na doença, na tristeza e na alegria, um dos cônjuges precisa permanecer nessa relação caso tenha violência familiar.

Segundo Coutinho (2012), a espiritualidade se constitui numa relação pessoal, individual com o sagrado em si ou fora de si, intrínseco ou transcendente, ao passo que na religião a associação ao sagrado se realiza por ações institucionalizadas. Na espiritualidade subjetiva, o indivíduo tenta aprofundar-se e se conhecer melhor, progredir nas suas capacidades.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações**. Campo Grande, MS, v. 17, n. 4, p. 745-756, out./dez. 2016.

CARVALLHO, Inaiá Maria Moreira de; ALMEIDA, Paulo Henrique de. Família e proteção social. **São Paulo em perspectiva**, 17(2). p. 109-122. 2003.

CRETTIEZ, Xavier. **As formas da violência**. São Paulo: Ed Loyola, 2011.

COUTINHO, José Pereira - Religião e outros conceitos. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXIV, p. 171-193, 2012.

COSTA, Arthur Trindade M. **Violências e conflitos intersubjetivos no Brasil Contemporâneo**. **Caderno Crh**, Salvador, v. 24, n. 62, p. 353-365, Maio/Ago. 2011.

DUARTE, Madalena; OLIVEIRA, Ana: Mulheres nas margens: a violência doméstica e as mulheres imigrantes. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Vol. XXIII, 2012, pág. 223-237.

EJNS. **Plano Pessoal de Vida**. 2011. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/11357332-Plano-pessoal-de-vida.html>>. Acesso em: 15 de maio de 2017.

_____. **Manual da Equipe de Base**. Novembro de 2011.

_____. **Carta Internacional das EJNS**. São Paulo. Dezembro de 2006.

_____. **Vidas as EJNS**. Novembro de 2011.

FIJORANO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 1999.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Maria Virginia de; PAPA, Fernanda de Carvalho. **Políticas Públicas: juventude em pauta**. 2 ed. São Paulo: Cortez, Ação Educativa, Fundação Friedrich Ebert. 2008.

GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n.2. pp. 207-219. 2005.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Medos urbanos e mídia: o imaginário sobre juventude e violência no Brasil atual. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 26 Número 3 p. 471-485, Setembro/Dezembro 2011.

MARIZ, Cecília Loreto. Comunidades de vida no Espírito Santo juventude e religião. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, v. 17, n.2, p. 253-273, 2005.

MELO, Patrícia Bandeira de; ASSIS, Rodrigo Vieira de. Mídia, consumo e crime na juventude: a construção de um traçado teórico. **Caderno Crh**, Salvador, v. 27, n. 70, p. 151-164, Jan./Abr. 2014.

PORTO, Maria Stela Gossi. A violência, entre práticas e representações sociais: uma trajetória de pesquisa. **Revista Sociedade e Estado** - Volume 30 Número 1, Janeiro/Abril. 2015.

RINHEL-SILVA, Claudia Maria; CONSTANTINO, Elizabeth Piemonte; RONDINI, Carina Alexandra. Família, adolescência e estilos parentais. **Estudos de Psicologia I**. Campinas I 29(2) I 221-230 I abril – junho. 2012.

RIZZINI, Irene; LIMONGI, Natalia da Silva. **Percepções sobre violência no cotidiano dos jovens**. Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 33-42, jan./jun. 2016.

RONDON, Elizabeth Alcoforado. **O pacto do silêncio**. João Pessoa, v. 1, p. 131-182, novembro. 2016.

_____. **O segredo como mecanismo de poder: da construção a quebra da violência**. João Pessoa v. 1, p. 76. 2016.

SCOTT, Ana Silva Volpi. População e família no Brasil contemporâneo: muitas mudanças e algumas reflexões. **R. bras. Est. Pop.**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 3-5, jan./jun. 2012.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 5(1-2): 161-178, 1993.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. – Rio de Janeiro: Editora FGV. 2007.

TEIXEIRA, Faustino org.: **Sociologia da Religião: enfoques teóricos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

VEIGA, Manuel Vicente Ribeiro Júnior. Religião e música: variações em busca de um tema. **Caderno crh**, Salvador, v. 26, n. 69, p. 477-492, Set./Dez. 2013.